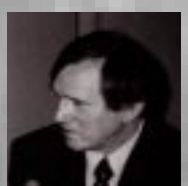
Economia de Comunhão

uma nova cultura

«Morrer pela própria gente»



16

Economia de Comunhão

uma nova cultura

3	Cartas do mundo	Carla Bozzani
4	Construindo sobre as ruínas	Alberto Ferrucci
5	“Eram um só coração...”	Chiara Lubich
6	Jogos de comunhão	Luigino Bruni
8	As razões da esperança	Alberto Barlocci
12	Entrevista com Cristina Calvo	Ramon Josè Cervino
13	Novos espaços de liberdade	Andrzej Milkowski
14	Morrer pela própria gente	Alberto Ferrucci
16	Ajudar os pobres gerando desenvolvimento	Alberto Ferrucci
17	Projetos no Quênia, nas Filipinas e na C. do Marfim	Enrico Sasdelli
18	O Movimento por uma EdC hoje	Luigino Bruni
19	Entrevista com Leo Andringa	Lorna Gold
20	Economistas reunidos	Elisa Golin
21	Viagem aos EUA	Benedetto Gui
22	As novas teses sobre a EdC	Antonella Ferrucci
24	Entrevista com Monia Bombardini	Antonella Ferrucci
25	Unir micro e macroeconomia	Adam Biela
26	Diálogo com os leitores	Francesco Tortorella

ECONOMIA DE COMUNHÃO
uma nova cultura
Ano IX – nº 1 – janeiro 2003
Suplemento da Revista Cidade Nova

Diretor responsável: Alberto Ferrucci

Endereço para correspondência:
R. Igino Giordani, 176
06730-000 – Vargem Grande Paulista – SP
Fone (+11) 4158.1017
czfginetta@node1.com.br

Impressão:
Paulus Gráfica

Cartas do mundo

Publicamos trechos de cartas enviadas de várias partes do mundo, por algumas das 12 mil pessoas e famílias que participam do projeto EdC. Como todos nós, elas fazem parte da comunhão mundial da EdC e comunicam suas necessidades financeiras com uma abertura tão preciosa quanto a generosidade de quem partilha os próprios bens.
Procuramos responder a essas necessidades com o lucro das empresas EdC e – por não ser ainda suficiente – com a contribuição extraordinária «para os 12 mil», atualmente pedida a todos os membros do Movimento dos Focolares no mundo.

Jamais imaginei que teria que pedir

Desde que surgiu a ajuda extraordinária para os necessitados, sempre contribuí com grande alegria e jamais imaginei que um dia eu também iria precisar dessa ajuda. Neste ano não posso dar a minha contribuição, mas somente doar a minha necessidade, com a certeza, porém, de que diante de Deus ambas as situações têm o mesmo valor: "dar". Senti que faço parte de uma grande família, na qual às vezes damos e às vezes recebemos. *(Brasil)*

Escolhido entre muitos

Não tenho palavras para agradecer, porque, em meio a tantas pessoas necessitadas, eu recebi a ajuda que me permitiu fazer uma reforma urgente na nossa casa. *(Equador)*

A escola e a máquina de costura

Agradeço a Deus que, com o Seu amor, pensa em mim e nos meus três filhos, pois, graças à ajuda que recebo regularmente, meus filhos puderam estudar e eu consegui comprar uma máquina de costura para poder trabalhar e assim sustentar minha família após a morte de meu marido. *(Colômbia)*

Não odeio mais os ricos

Eu também sou um dos 12.000 pobres aos quais chega a ajuda financeira extraordinária. Desse modo eu consegui concluir os meus estudos e conhecer a experiência de uma empresa da EdC. Desde então muitas coisas mudaram: antes eu odiava profundamente as pessoas ricas, pois achava que elas não se preocupavam com os pobres e pensavam só no próprio bem-estar. Mas agora entendi que o amor, vivido também por uma empresa, transforma tudo. *(Filipinas)*

Mais uma vez a Providência

Apesar de já ter feito muitas experiências em relação à Providência, quando passei por uma situação difícil, eu cheguei a perder a fé. Minha mãe adoeceu gravemente e precisava ser operada com urgência, mas já tínhamos gasto tudo o que possuíamos com os remédios. Inesperadamente recebemos a ajuda extraordinária, com a qual mamãe se tratou e agora está bem melhor. *(Sérvia)*

A tentação de perder a coragem

Aqui na Bulgária vivemos em condições difíceis. A crise econômica se reflete em todas as famílias e o desemprego crescente atingiu também a minha. Nossas filhas ainda estudam e eu estava para ser demitida. Como sobreviveríamos? Não encontrava resposta para esta e para muitas outras perguntas. Pouco tempo depois, recebemos uma ajuda em dinheiro e, com uma gratidão imensa, entendemos que a maior tentação é a de perder a coragem. *(Bulgária)*

Carla Bozzani
e-mail: edc@focolare.org

Devolverei assim que for possível

Neste ano as dificuldades se apresentaram de forma maciça. A empresa onde meu marido trabalhava fechou; depois de alguns meses, ele adoeceu. Minhas filhas teriam que parar de estudar se não pagássemos logo a mensalidade da escola. Tudo isso me preocupava muito e eu não sabia o que fazer. Recebi um envelope com a quantia exata da mensalidade. Agradeço a Deus e, assim que for possível, devolverei o dinheiro que recebi, para que outras famílias possam ser ajudadas como nós. *(Venezuela)*

As orações dos pequenos agradam a Deus

Sou muçulmana e, desde que conheci o Movimento, encontrei forças para perdoar as pessoas que mataram meu pai e meus três irmãos. Quando recebi ajuda para a cirurgia de meu filho, experimentei que somos uma única família. Agora, ele também reza e agradece: Deus o escutará, porque as orações dos pequenos agradam a Deus. *(Bósnia)*

Encantados com a bondade de Deus

Estamos encantados com a bondade de Deus, que é visível e se manifesta por meio da ajuda que recebemos. Consertamos o teto da nossa casa, cujas más condições faziam com que toda a casa ficasse úmida e comprometesse a nossa saúde. Parece-nos um milagre ver-nos circundados de tanto amor neste mundo cheio de egoísmo cruel, em que o lucro é a lei. *(Croácia)*

Recobrar forças e esperança

Este presente que a nossa família recebeu nos ajudou a recobrar as forças e a esperança para superar as dificuldades, justamente quando nasceu a nossa terceira filha. Agora o emprego de meu marido está se estabilizando e, gradualmente, poderemos renunciar a essa ajuda em favor de alguma outra família. *(Brasil)*

Dinheiro sagrado

A ajuda extraordinária para os indigentes significa, para mim, mais do que o "maná" que caiu do céu. Apesar de meu marido e eu darmos aos filhos o estritamente necessário, às vezes não temos dinheiro nem sequer para comprar pão. Quando recebemos essa ajuda em dinheiro, considerando-a sagrada, costumamos decidir junto com toda a família como devemos usá-la: para a alimentação, para os remédios ou para alguma outra necessidade realmente urgente. Sinto cada vez mais a exigência de avaliar bem cada despesa a ser feita. *(Romênia)*

Ofereço tudo pela EdC

Estou com câncer e com a ajuda que recebo consigo pagar um plano de saúde que cobre o tratamento que preciso fazer. Rezo e ofereço tudo para que a EdC se desenvolva e agradeço profundamente por esta explosão de graças que foi esse projeto: não sei o que seria de mim sem essa preciosa providência. *(Brasil)*

Construindo sobre as ruínas

Nesta época em que descontamos *hoje* na Bolsa de valores aquilo que *ontem* previmos que aconteceria daqui a *dez anos*, a queda do muro de Berlim parece ter ocorrido cem anos atrás e a tragédia de 11 de setembro, em Nova York, já adquire uma dimensão histórica.

Passou-se um ano de conflitos e de guerra ao terrorismo, carregado também de eventos econômicos históricos. Tendo-se esgotado a onda especulativa da Nova Economia, os seus destroços vieram à tona, demonstrando que muitos dos seus heróis eram simplesmente pessoas ambiciosas que agiram na ilegalidade, graças a um controle que todos julgavam acima de qualquer suspeita. São pessoas muitas vezes cínicas, que ignoraram a confiança que receberam não só de acionistas, mas também de colaboradores que empenharam todos os seus recursos e acabaram perdendo até o emprego. Alguém poderia objetar: são bons intérpretes daquele *homo economicus* que, segundo a teoria econômica dominante, é o ser humano.

A derrocada da confiabilidade das grandes empresas multinacionais, que é a base da credibilidade do sistema, arrastou consigo os valores da Bolsa e a economia mundial com tanta força que conseguiu convencer os Estados Unidos a criar leis em caráter de urgência para que esses abusos não se repetissem. Uma derrocada que levou alguns dos mais convictos defensores do individualismo liberal a questionarem-se e a refletirem sobre os fundamentos culturais e antropológicos que originaram essa planta nociva. Alguns admitiram que a simples busca do interesse pessoal pode revelar-se incompatível com um desenvolvimento sustentável, como a busca da felicidade. Outros sentiram a necessidade de enfatizar pesquisas científicas que demonstram que a doação desinteressada aumenta a felicidade do ser humano.

Trata-se de ruínas sobre as quais devemos construir. Felizmente, na sociedade do novo milênio não atuam somente administradores ambiciosos e ávidos, a quem é atribuído o comportamento cínico e hostil na esfera econômica, que hoje parece ser o único possível, mas existem também muitas pessoas de bom senso, engajadas em todos os níveis. É graças à confiança nessa multidão de leigos de boa vontade que Chiara pôde propor novamente, por meio da Economia de Comunhão, o espírito e a práxis dos primeiros cristãos: "Eram um só coração e uma só alma e entre eles não havia nenhum indigente" (pág. 5).

O que nós, que aderimos a esse projeto, podemos fazer a mais hoje? O Prof. Stefano Zamagni nos dá indicações, ele que não é mais apenas um amigo da EdC. Em várias ocasiões, ele nos convidou a não nos fecharmos em um "nicho" ou numa ilha paradisíaca na qual agimos em paz conosco mesmos, mas a promover um crescimento no número e nas dimensões das empresas da EdC, até chegarmos a uma "massa crítica", que garanta uma difusão posterior.

Neste sentido, com a contribuição financeira de milhares de pequenos acionistas, está surgindo na Itália, junto à Mariápolis de Loppiano, o Pólo Lionello (pág. 26), enquanto continuam se desenvolvendo outros Pólos – por exemplo, na Argentina (págs. 8-11), sinal profético de esperança em meio à trágica situação sócio-econômica.

Com este intuito, neste número, oferecemos a possibilidade de contribuir, de acordo com a UNIDO (Agência das Nações Unidas para a promoção do desenvolvimento industrial), para o crescimento de empresas nas Filipinas, no Quênia e na Costa do Marfim (págs. 16-17).

Para envolver nessa aventura aqueles leigos especiais de quem Chiara fala, é preciso apresentar exemplos de uma sociedade solidária que busca a comunhão e que se preocupa com os "últimos" (págs. 3, 14-15). É necessário também apresentar reflexões teóricas que devem ser lidas à luz do Carisma da unidade, com experiências das empresas EdC, explorando novos paradigmas econômicos (págs. 6-7, 20, 25), e descrevendo o compromisso dos jovens, com suas teses (pp. 22-24). Consiste, enfim, em dialogar com a cultura contemporânea e com muitos homens, mulheres e instituições internacionais que, como nós, estão trabalhando nesse mesmo sentido (págs. 18-19).

Tudo isso, porém, para ser convincente, deve ser testemunhado na atuação concreta das fábricas e das empresas, entre trabalhadores e empresários, fornecedores e clientes, famílias e cidadãos.

Naturalmente, isso exige um questionamento diário sobre a coerência das escolhas feitas com o projeto, nas mais diversas circunstâncias do nosso agir econômico, em diálogo com os outros companheiros de aventura. É preciso lembrar, em cada ocasião, a escolha radical de amar sempre.

Alberto Ferrucci
alberto.ferrucci@prometh.it

Uma escolha que, anos atrás, os primeiros empresários da EdC codificaram nos "Princípios para a gestão de uma empresa", que publicamos em 1997, no número 6 do nosso noticiário. Princípios estes que foram incorporados aos estatutos de várias empresas que surgiram sob a inspiração da Economia de Comunhão: uma "boa prática" que nos parece importante incentivar. Isso, porém, ainda não é suficiente. Para que a Economia de Comunhão se torne uma proposta à qual possam aderir pessoas abertas à humanidade, das mais variadas crenças e orientações culturais, é preciso refletir periodicamente, juntos, sobre essas orientações e sobre o Carisma que as inspirou.

Foi este o convite feito por Chiara, em abril de 2001, aos empresários da EdC, lançando a primeira Escola para empresários, em Milão[1]. As primeiras quatro aulas que aconteceram até agora demonstraram a sua originalidade: nela, a reflexão teórica não pode nascer senão da vida, e pela vida é comprovada. De fato, trata-se de uma "escola" na qual não existe uma pessoa que *ensina* cultura, mas nela se *cria* cultura, e nessa escola os elementos indispensáveis, muito mais do que alguém que sabe resumir e conceber uma teoria, são os próprios empresários e trabalhadores, que oferecem ao mundo de hoje as suas experiências cotidianas.

O sentido profundo da atuação desses empresários é criar uma nova cultura sobre a cultura que desmorona, descobrindo nas entrelinhas da história o desígnio luminoso da Providência.

1) Esta mesma Escola está se realizando mensalmente na Mariápolis Ginetta (Vargem Grande Paulista – SP).

É preciso que o entusiasmo
com o qual
a Economia de Comunhão começou
nos acompanhe sempre
e não decepcione
as inúmeras expectativas dos pobres.
Queremos vivê-la
para a glória de Deus,
e para que volte a ser vivido
o espírito e a práxis
dos primeiros cristãos:

**“Eram um só coração
e uma só alma,
e entre eles
não havia
nenhum indigente”.**

Rocca di Papa, 23.4.1992

Chiara Lubich

> "Não há maior estímulo para amar do que ser precedido no amor".
>
> (Santo Agostinho)

Publicamos uma síntese da aula de Luigino Bruni no segundo curso do Instituto Superior de Cultura do Movimento dos Focolares, realizado em Castelgandolfo de 15 a 29 de agosto: «Primeiras idéias de uma teoria econômica que nasce do carisma da unidade».

Jogos de comunhão

1. Nenhuma ciência humana, portanto, nem mesmo a ciência econômica, *pode prescindir de uma visão do homem*, de uma antropologia. Na corrente dominante da ciência econômica essa visão é incorporada principalmente pela idéia de "racionalidade econômica". Ela não tem o objetivo de descrever o comportamento do homem "como ele é", mas acima de tudo de identificar os critérios de comportamento excelentes, portanto representa um "dever ser".
Essas características estão contidas sinteticamente na lógica do mais famoso "jogo" utilizado hoje na economia: o conhecido *Dilema do prisioneiro*, que é usado para mostrar que, em muitas situações, *a busca de um retorno econômico individualista não só não leva ao bem comum, como também não proporciona um benefício individual*. A lógica subentendida no jogo é usada para explicar muitos dos assim chamados "fracassos de mercado": poluição, congestão do tráfego, dificuldades da cooperação internacional...

O dilema do prisioneiro

	Mário	
Lúcia	*coopera*	*não coopera*
coopera	3,3	1,4
não coopera	4,1	2,2

N.B.: Na tabela os números (pay-off) exprimem "utilidade", portanto, quanto mais alto, mais favorável. O primeiro número refere-se a Lúcia e o segundo a Mário.

O "dilema" tem uma explicação bem precisa, que consiste na estrutura de preferências ou de valores dos dois jogadores (que eu chamei de Mário e Lúcia), isto é, na antropologia incorporada pelo modelo teórico. Para compreender a lógica do "dilema do prisioneiro", e de grande parte da ciência econômica contemporânea, podemos pensar num exemplo bastante comum: optar ou não pela coleta de lixo seletivo. Neste caso, as preferências, a visão de mundo, do agente econômico (*homo economicus*), que normalmente o economista tem em mente, são as seguintes: em primeiro lugar encontramos "todas as outras pessoas selecionam o lixo e eu não" (4 pontos); em segundo lugar, "todos selecionam, inclusive eu" (3 pontos); em terceiro, "ninguém seleciona" (2 pontos) e, em quarto, "apenas eu seleciono" (1 ponto). O nosso *homo economicus* é, portanto, um individualista *oportunista* e o seu mundo ideal é um mundo no qual ele usufrui dos benefícios (um mundo sem poluição) sem arcar com os custos (separar o lixo, depositá-lo nos respectivos locais de coleta, etc.).
Aqui está o dilema: demonstra-se facilmente que Mário (ou Lúcia), encontrando diante de si indivíduos com a sua mesma "racionalidade" e preferências, *a solução é que todos se encontram no terceiro nível da organização de preferências (ninguém faz a coleta seletiva de lixo)*, quando, pelo contrário, gostariam que todos a fizessem (que se encontra no segundo nível). E a realidade das nossas cidades e do nosso planeta nos revela quanto esses "dilemas" são reais e urgentes!
Porém essa solução do jogo não é eticamente *inócua*: ela se baseia na tese filosófica e ética de que é possível maximizar os próprios benefícios individuais independentemente do outro e em detrimento dele. Disso deriva a ordem de preferências que determina a solução "racional" do jogo, e os dilemas inerentes: nos encontramos numa situação que não desejaríamos, nem individualmente nem socialmente.

2. Não é difícil compreender que a visão de pessoa, ou seja, a antropologia que está por trás da EdC é muito diferente. De fato, como muda o "jogo" se assumimos seriamente os desafios da EdC?
Quem acolhe a comunhão como norma de ação sabe, antes de tudo, que a pessoa é relação e que a sua felicidade nasce do amor, da abertura "sincera", e não da instrumentalização do outro. E mesmo se tem consciência de que a sua felicidade é plena na reciprocidade e na comunhão, *atribui, porém, um valor intrínseco à ação de doar-se, ação esta que, num certo sentido, tem em si a recompensa*.

Luigino Bruni
luigino.bruni@unimib.it

Se quero ser feliz e realizar-me como pessoa, então não devo ver o outro como um rival a ser explorado, mas como um parceiro indispensável.
Quem assumiu como própria a cultura da comunhão sabe que a plenitude da felicidade é alcançada na reciprocidade, sabe que, sem o outro, não pode ser feliz.
Portanto, no primeiro lugar da sua ordem de preferências (ou de valores) ele não coloca, como o *homo economicus*, "todos doam menos eu", mas "todos nós doamos, inclusive eu". E isso porque doar e doar-se são parte integrante da busca da sua felicidade. Ele sabe que a felicidade que nasce a partir de um encontro de gratuidade, não é alcançada se ele não for o primeiro a amar.
No segundo lugar da ordem de preferências dos jogadores temos "eu dôo, o outro não" e "o outro doa e eu não", estratégias (ambas) que, para simplificar, poderíamos dizer que conferem 2 pontos.
Para compreender esses valores podemos partir da estrutura de recompensas (os *pay-off*, isto é, os números da tabela) do "dilema do prisioneiro", mas devemos pensar que os *pay-off* são obtidos a partir de dois componentes: um *material* (tipicamente econômico ou monetário) e um *intrínseco*. Se eu assumo a "cultura da comunhão", se interiorizo os seus valores, quando eu não dôo e o outro doa, o meu *pay-off*, mesmo sendo materialmente igual, digamos 4 (para dar um outro exemplo, pensemos em alguém que nunca limpa o escritório e usa o tempo que poupou para fazer trabalhos extras) diminui (para 2), pois falta a reciprocidade e isso diminui o meu bem-estar. Se eu dôo mas o outro não doa, o meu *pay-off*, mesmo equivalendo materialmente a 1 (devo limpar o escritório também pelo outro que não limpa: utilizo energias e tempo preciosos) aumenta (para 2) porque a ação de amar tem uma recompensa intrínseca. O pior mundo (1,1) é aquele em que cada um vive fechado em si mesmo. A felicidade, que é resultado de uma vida de virtudes (do amor), está fora da lógica "condicional": a virtude-amor é praticada porque possui um valor intrínseco, e não pelo cálculo instrumental custo/benefício: "No amor o que vale é amar" (Chiara Lubich).
O "jogo da comunhão", portanto, pode ser representado do seguinte modo:

O jogo da comunhão

	Mário	
Lúcia	*doa*	*não doa*
doa	4,4	2,2
não doa	2,2	1,1

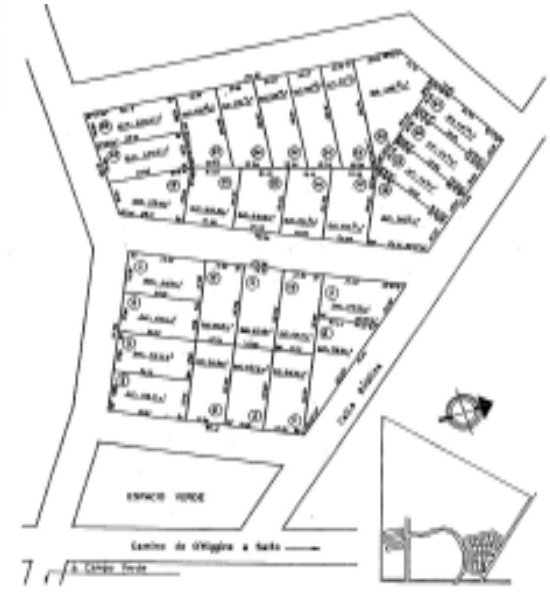
Pela tabela vemos claramente que a única solução estável do jogo, do qual ninguém é incentivado a se retirar, é doar/doar. Portanto, se os sujeitos (os jogadores), ambos, tiverem assumido a cultura da comunhão, o comportamento melhor, *em qualquer caso*[1], é doar. Portanto, o único equilíbrio estável do jogo é a comunhão (doa/doa).
3. O que nos sugere esse jogo, mesmo na sua extrema simplicidade? Se não sou sócio de uma empresa EdC, não tenho alternativas para me doar: os outros podem responder mais plenamente ou menos, portanto, o meu bem-estar/felicidade é incerto (posso obter 2 ou 4), mas em qualquer caso, para mim, a única possibilidade, a única ação racional, é amar. Assim sendo, se estou em contato com um fornecedor difícil, não tenho alternativas para o amor: poderei obter reciprocidade ou não, mas, seja como for, a alternativa "não amar" – que, na prática, cada vez será diferente – acabarei chegando à conclusão de que é a pior.
Se quem joga o "jogo da comunhão" encontrar pessoas com os seus mesmos valores, a cooperação bilateral – ou, se preferirmos, o encontro-reciprocidade – é uma solução estável do jogo, que se autoalimenta com o tempo.
O problema, porém, está no fato que, no mundo real, geralmente não sabemos com quem estamos jogando. Aqui está o *paradoxo da comunhão*, que podemos compor da seguinte maneira:
a) Sabemos que a plena felicidade se encontra na comunhão com o outro;
b) Para construir a comunhão, devo dar o primeiro passo, tomar a iniciativa no amor;
c) Não posso pretender uma resposta por parte do outro, a reciprocidade, mas devo esperá-la como fruto da liberdade do outro;
d) Dar o primeiro passo leva a dois resultados diferentes (indicados com 2 ou 4), em base a uma resposta positiva ou negativa do outro;
e) Por isso "a felicidade é frágil", como também os filósofos nos ensinam: eu não posso encontrá-la sem me doar, mas, para tê-la em plenitude, preciso da reciprocidade;
f) Ressalte-se que, para quem crê no valor intrínseco da doação, do amor, a felicidade é menos frágil que para Aristóteles e seus seguidores, mas a lógica paradoxal das relações com os outros permanece.
Por fim, não devemos excluir (como estudos recentes demonstram) que a experiência da gratuidade nos transforma, nos torna melhores e, ao longo do tempo, nos impulsiona a responder: "Não há maior estímulo para amar do que ser precedido no amor" (Santo Agostinho).
Quem trabalha em empresas EdC, e muitos outros, nas mais variadas partes do mundo, vive a cada dia esses "paradoxos da comunhão". Estas considerações deveriam nos ajudar a compreender melhor a lógica dos "três terços" a que se destina o lucro das empresas EdC e sobre os quais, para concluir, gostaria de dizer algo.
A *terça parte* que vai para a formação segundo a cultura da partilha. Somente quem atribui um valor intrínseco ao amor para com o outro pode viver a comunhão, acreditar na comunhão sempre: a recompensa intrínseca o leva a "amar sempre", "amar a todos", independentemente da resposta do outro na escolha, não nos resultados. Somente se a comunhão se tornar cultura será possível ser virtuosos, continuar amando, num mundo guiado por valores diferentes.
A *terça parte* que vai para os pobres. A extrema miséria faz com que se torne heróico, em muitos casos impossível, resistir à tentação dos benefícios materiais: o "peso" do componente material do jogo torna-se enorme quando não temos o necessário para viver. Ajudar as pessoas, por meio da doação do lucro, a saírem da armadilha da pobreza significa também criar condições objetivas para uma vida virtuosa e de comunhão.
A *terça parte* que permanece na empresa. A experiência da comunhão e da gratuidade deve ter espaço inclusive na vida econômica normal: este é o sentido de destinar uma terça parte do lucro para o desenvolvimento da própria empresa. Também isso tem um grande significado cultural, pois comporta reconhecer um valor civil também à vida econômica, que não é vista, portanto, como exclusivo domínio dos interesses, mas como possível espaço de encontro e, até mesmo, de comunhão.

1) Por quê? Sabemos que o outro tem diante de si duas escolhas possíveis: doar e não doar e, considerando as suas preferências, seja qual for a sua escolha, é preferível doar: de fato, se o outro jogador (Lúcia) opta por "doar", os pontos de Mário serão 4 (ao passo que a opção "não doa" produziria apenas 2 pontos); e mesmo se Lúcia escolher "não doar", Mário sempre prefere "doar", que lhe dá 2 pontos ao invés de 1 (que é o *pay-off* de "não doa/não doa).

Pólo

As razões da esperança

Argentina ano zero. O clima ainda é o dos "panelaços", de um verão tórrido sob todos os pontos de vista. Juntamente com o governo entraram em colapso a economia, a política e uma parcela consistente das instituições civis. O país é como um paciente em lenta terapia intensiva, que não tem apresentado sinais de recuperação e que nenhum médico prudente interromperia.
O problema supera amplamente a esfera da economia. O episcopado argentino afirmou e repetiu que a crise é "acima de tudo moral". Deve ser reconstruído o Estado, a política, que caiu em descrédito; o tecido social, abalado pela corrupção; o conceito de bem comum, num contexto no qual parece que cada um puxa a brasa para o seu assado. «Às vezes, para poder subir novamente, é preciso tocar o fundo do poço», comenta um político experiente. Será que a Argentina já tocou o fundo ou será que dias piores ainda estão por vir? Esperemos que não. Na Argentina de hoje a esperança precisa de razões. E precisamos saber onde procurá-las...
Uma delas eu encontrei a 236 km de Buenos Aires, em pleno pampa.
Neste contexto muitas vezes pessimista, desanimado e cheio de desconfiança, existem pessoas dispostas a apostar na Economia de Comunhão. Arriscam em nome da solidariedade e de uma economia em função do homem. É um pequeno grupo. A exígua patrulha de "sonhadores" que estão construindo o pólo industrial "Solidariedad", da Mariápolis permanente de O'Higgins. E não pensem que eles são irresponsáveis ou cheios de ilusões. Absolutamente! São pessoas que sabem o que fazem. Como Norma Maliandi, que há quase 40 anos mantém a sua rede comercial de cosméticos em todo o país; ou como Pepe Marín, agricultor, herdeiro de uma vasta experiência no cultivo dessas terras fertilíssimas. Estão presentes também os irmãos Muñoz, administradores da Lanin, uma empresa reconhecida, que resistiu à crise mexicana e a outras tormentas características das crises cíclicas do neoliberalismo.



Eu os encontro imersos no trabalho. Tranqüilos, apesar da situação geral que os coloca diante de inúmeros impasses. «É verdade – me confirma Maria Luz, filha dos proprietários do laboratório de Norma Maliandi Ltda., sólida empresa familiar que tenta resistir a esses tempos difíceis–. Mas não nos sentimos sozinhos. Não sei porque, sempre que achamos que se esgotaram todas as possibilidades, acontece algo imprevisível. Às vezes recebemos um pedido inesperado (como aconteceu na semana passada). E isso nos faz sentir que somos parte de um projeto muito maior, que nos supera».
A empresa inaugurou recentemente um laboratório no Pólo Solidariedad. A sua abertura havia sido adiada por vários meses, por causa da crise vivida no país. «Os nossos custos fixos são altos, considerando o tipo de produção e, atualmente, não podemos aumentá-los mais. Aliás, estamos tentando fazer com que, acima de tudo, a empresa sobreviva. As vendas diminuíram e a desvalorização fez com que aumentassem muito os preços de vários dos nossos produtos que são importados», explica Maria Luz. E acrescenta: «Mas não podíamos voltar atrás: a Economia de Comunhão é também uma aposta, é acreditar além das aparências, portanto, preferimos arriscar».
Como prosseguir? «Muitas pessoas trabalham conosco há anos. Não podemos demiti-las de um momento para o outro. Decidimos diminuir as horas de trabalho, mas manter todos os empregados. Além do mais, no laboratório do Pólo, ativamos a fabricação de uma nova linha de produtos, isto é, detergentes. Estamos confiantes!».
O que lhe atrai no projeto EdC? «Veja bem – explica ela – me faz sofrer o fato de que tantas pessoas não têm o necessário! Eu percebia que só conseguia aliviar esse problema esporadicamente, fazendo apenas alguma coisa. A EdC me dá a possibilidade de trabalhar por esse objetivo sempre e melhor, pois toda a atividade da empresa tem por fim a geração de lucro que, depois, beneficiará também os pobres. Além do mais, passamos uma boa parte do dia com as pessoas que trabalham conosco. Elas se sentem parte do projeto e isso muda a qualidade do tempo que passamos juntos, impelindo-nos a melhorar continuamente o relacionamento entre nós. Por exemplo, reduzimos o horário, mas freqüentemente alguém trabalha algumas horas a mais, sem que nós peçamos. Ninguém se sente explorado, porque todos se consideram co-responsáveis pelo momento que a empresa vive».

Jorgelina Perrin dedica parte do seu tempo aos cinco fi-

Alberto Barlocci
secred@ciudadnueva.org.ar

Solidariedad

lhos. Na realidade, ela não precisaria trabalhar. Mesmo assim, sentiu a necessidade de colocar em comum os seus talentos juntamente com três amigas e um ferreiro de O'Higgins, a pequena cidade a 3 km da Mariápolis permanente. Juntos constituíram um ateliê de artesanato: "Fogaril". Produzem trabalhos em ferro, recuperando a sucata de muitas empresas agrícolas da região. Portanto, matéria-prima não lhes faltará...
Mas por que, pergunto a Jorgelina, implantar uma empresa de EdC? «O que nos impeliu – responde-me – foi o desejo de fazer algo pelos outros. As necessidades são muitas. A nossa empresa praticamente recém nasceu, temos apenas um ano. Mas, mesmo se os nossos produtos ainda não conquistaram propriamente uma fatia do mercado, são apreciados e procurados, o que nos permitiu contribuir, pelo menos de forma simbólica, com os nossos primeiros rendimentos».
O que vocês produzem?
«Lustres, abajures, objetos de decoração, mesas. O nosso amigo ferreiro prepara as peças em ferro, nós desenhamos, pintamos, completamos o trabalho. As perspectivas são animadoras e esperamos que Fogaril seja uma fonte de emprego estável, embora pequena».

Robusto, de poucas palavras, mas simples e direto, Pepe Marín personifica a imagem do típico agricultor. As suas mãos parecem esculturas. É casado com Maria del Carmen há 20 anos e têm oito filhos. «Quatro deles nasceram na Mariápolis de O'Higgins» – conta-me, com orgulho –. Ele viu o Pólo nascer: «Não queríamos faltar a um encontro marcado com a história». No seu terreno de 3,5 hectares, a empresa "Primícia" produz hortaliças. Mas não é fácil. «Estamos na terceira enchente deste ano. A crise econômica está terrível, o preço das sementes e dos produtos agrícolas são em dólar, não existem regras, a todo momento temos que nos adequar às oscilações cada vez mais rápidas, sem poder fazer planos a médio ou longo prazo».
E então? «Então vamos em frente – responde. Quando aderimos ao projeto EdC ninguém nos disse que seria fácil. Aderimos porque os princípios da EdC correspondem ao estilo de vida que escolhemos». Ao seu lado Gerardo Toia, responsável por *Granos y Ganados* (grãos e gado), com um gesto de aprovação, concorda com Pepe. Depois nos despedimos: eles devem enfrentar um duro dia de trabalho.

Transfiro-me à sede da Lanin, às portas de Buenos Aires. Quem responde pela empresa é Luís e Héctor Muñoz, atuando no mercado de luminárias. Eles também figuram entre os pioneiros do Pólo "Solidariedad".
«A nossa história é bastante original – me explica Luís –, pois atualmente não estamos fisicamente presentes no Pólo, mesmo se a nossa é uma empresa coligada. Aderimos logo ao projeto EdC e, quando surgiu a idéia de realizar um pólo empresarial, nos lançamos na iniciativa com muito entusiasmo. Fizemos nossos cálculos, talvez um pouco ousados, e chegamos à conclusão que poderíamos nos transferir para uma nova área. Porém, por prudência, consultamos também os nossos fornecedores, que nos apoiaram».
«Nesse ínterim – continua Héctor – foi comprado o terreno para o Pólo. Era preciso providenciar o acesso à rede hidráulica, abrir estradas e resolver o problema das enchentes periódicas com a construção de um canal. Só que os prazos foram sendo aumentados e as condições gerais da economia nacional começaram a mudar de tal forma que desaconselhavam a nossa transferência. Em meio a esse processo houve a abertura de mercado, que exigiu que nos adequássemos às novas regras. Depois, chegou a crise do México...».
Portanto, foi tudo inútil? «Não, não creio – responde Luis, com decisão. Parece-me que ajudamos a dar o empurrão inicial ao projeto que hoje é uma realidade. Pequena, sim, mas uma realidade. E estamos felizes por termos feito a nossa parte. Por isso nos sentimos muito ligados ao Pólo e, quando é possível, oferecemos todo o nosso apoio».

Vocês imaginavam o que significaria transferir ou construir empresas? Diante de mim está Carlos Martínez, engenheiro, um dos responsáveis pela Mariápolis de O'Higgins. «Sim e não – responde. Iniciamos, talvez, só com o entusiasmo e muita fé. Provavelmente esta fé nem era tão madura... Mas depois prosseguimos, porque diante dos nossos olhos estava o exemplo de todos os que

tiveram a coragem de arriscar até o fim, como fizeram na Mariápolis Ginetta, no Brasil, cujo projeto agora é bastante completo e dá resultados sob todos os pontos de vista. Foi o que souberam ver, com a visão profunda que os distingue, Lia Brunet e Vittorio Sabbione (dois dos primeiros colaboradores de Chiara Lubich), encorajando continuamente a iniciativa».

O que um Pólo empresarial acrescenta a uma Mariápolis permanente? «A vocação da Mariápolis de O'Higgins – responde Martínez – é a de oferecer uma formação integral a pessoas de todas as idades e categorias, segundo a cultura da unidade e, ao mesmo tempo, apresentar um modelo de sociedade sustentável, com todas as suas estruturas em funcionamento, segundo o modelo da cultura da unidade – é claro. Os empresários que aderiram à iniciativa do Pólo "Solidariedad" acreditaram não apenas no projeto de uma Economia de Comunhão, mas também na proposta da Mariápolis, que amplia e completa o âmbito produtivo e econômico no qual querem se inserir». Mas, percebendo a minha dúvida, ele acrescenta: «Isso não faz com que sejam menos empresários nem mais utópicos. É a idéia de uma cultura que não funciona mais em setores isolados: ela abraça cada aspecto da pessoa, portanto, também o contexto social em que uma empresa atua».

A crise atual da Argentina oferece espaço suficiente para um projeto como este? «Eu não escondo que essa crise nos deixa numa grande suspensão, mas também não podemos esquecer que a EdC sabe que a Providência existe e não pára do lado de fora da porta de uma empresa. As circunstâncias nos levam a aconselhar uma prudência maior, a conveniência de saber esperar, assim como a oportunidade de arriscar. E com freqüência se verificam "intervenções" que superam a ponderação. Poucas semanas atrás, por exemplo, ventos impetuosos arrasaram as plantações de "Primícia". Com muita fé e paciência, recomeçaram tudo de novo. Uma pessoa que soube do fato, consciente de que não haveria um ressarcimento por parte do governo, fez uma doação de mil dólares».

Olga Kania, co-responsável pela Mariápolis, conta-me a história do Pólo "Solidariedad". «Poucos meses após o lançamento da EdC no Brasil, através da generosidade de muitas pessoas, surgiu a idéia de um Pólo empresarial, para o qual foi adquirido um terreno de 34 hectares. Em 1992 foi constituída uma Sociedade Anônima, a UNIDESA (Unidade e Desenvolvimento), que se ocupou da administração do Pólo. Naquele mesmo ano, se transferiram as duas primeiras empresas: Primícia e Lanin».

Imagino que não deve ter sido fácil – pergunto. «Absolutamente – confirma ela, sem rodeios –. Junto com os vizinhos tivemos que construir um canal de 15 km para evitar as enchentes, cujas conseqüências nunca conseguimos evitar completamente devido às condições climáticas (em 2001, durante vários meses, uma parte do terreno do Pólo ficou alagada – N.d.R.). Primícia passou por inúmeras dificuldades, mas hoje está consolidada, ao passo que a Lanin precisou sair do Pólo, pelo menos temporariamente. Em 1995, a UNIDESA loteou o terreno para que um certo número de famílias pudesse se transferir para lá. Foram construídas ruas internas, foi implantada a rede hidráulica, elétrica e telefônica. Hoje, a UNIDESA conta com cerca de cem acionistas. Equipamos um galpão para poder instalar uma atividade econômica em fase inicial; numa área coberta, de 150 m^2, estão expostos os produtos das empresas do Pólo. Considerando que 25 mil pessoas visitam anualmente a Mariápolis, a exposição é uma forma de captar clientes potenciais».

Como você prevê o futuro do Pólo "Solidariedad"? «Prever o futuro na Argentina de hoje não é fácil. Mas é comovente ver o espírito com o qual essas pessoas acreditam no projeto EdC, arriscam e se lançam. O mundo empresarial é cheio de sucessos e de dificuldades. Nós não podemos estar isentos deles, e a breve história do Pólo "Solidariedad" demonstra isso.

Mas o motivo pelo qual apostamos vale o risco que estamos correndo. É um modo de fazermos a nossa parte para reconstruir a economia do país, castigada pela especulação, pela corrupção e pela desumanização. Cada vez que construímos relacionamentos novos com os fornecedores, que privilegiamos a pessoa e o seu valor, que fecha-

mos um balanço em equilíbrio, ou talvez com prejuízo por pagarmos todos os impostos, contribuímos para que cresça aquela sociedade nova que, junto com toda a Mariápolis, queremos testemunhar».

A convicção de que este é o papel da EdC é compartilhada também por um eminente economista italiano, o Prof. Stefano Zamagni, que esteve na Argentina. Ele explica: «Empresas como as da EdC representam um notável desafio, inclusive do ponto de vista teórico, porque, segundo a teoria econômica oficial, essas empresas não conseguiriam sobreviver. No entanto, apesar de tudo, elas estão de pé. A EdC é uma experiência que demonstra ter compreendido a necessidade do que eu chamo de "Economia civil", e da qual a EdC é uma das formas mais completas e oportunas. As empresas da EdC atuam segundo uma lógica da organização e um fim que não é a maximização do lucro. Por isso, eu considero a EdC a forma mais elevada de referência empírica da "Economia civil". É como um irmão mais velho, que tem a missão de abrir caminho».
Mesmo nesse contexto de crise? – pergunto. «Creio que a falta de empresas da "Economia civil" na Argentina é um dos motivos que não permite que o país saia da recessão. São necessários novos tipos de empresa, que saibam absorver aquela parte da força de trabalho que é excluída da economia privada e pública. A EdC caminha justamente nessa direção».

Hoje está chovendo em O'Higgins. Os canais de drenagem estão cheios. Cruzo com Pepe Marín, que se dirige para as suas plantações. Ele precisa dar tudo de si se quiser ir em frente. Também Gerardo Toia, se quiser salvar os seus cereais.
Gente obstinada, tenaz, generosa, como a terra que cultivam. Gente que olha sempre para a frente. Eles sabem que o futuro está por trás de cada sulco bem arado, de cada planta cultivada com amor. Mas não sozinhos. Juntos, com muitos outros que são animados pelo mesmo sonho. Existem, portanto, boas razões para uma fundamentada esperança. Apesar de tudo.

O Diálogo Argentino

Entrevista com Cristina Calvo

ccalvo@caritas.org.ar

Por meio da mídia acompanhamos a experiência do Diálogo Argentino, que nasceu para enfrentar, de modo coletivo e solidário, a crise que explodiu no país em dezembro de 2001. O que foi feito neste ano?

Ed

O diálogo Argentino foi criado pelo Presidente da República, Eduardo Duhalde, no mesmo dia em que tomou posse. Ele havia solicitado ao episcopado argentino que garantisse as condições para realizar um diálogo aberto a todos os setores da sociedade, orientado a delinear um novo projeto nacional para a pacificação social.
Ele confiou o acompanhamento técnico ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNDP). Como colaboradores leigos, fomos nomeados Juan Jose Llach, sociólogo e economista Argentino, membro da Pontifícia Academia das Ciências Sociais, e eu. Nestes meses ouvimos mais de 2 mil pessoas e 650 organizações de caráter político, sindical, empresarial, financeiro e do terceiro setor. Participaram do Diálogo também representantes dos grupos mais informais, como os desempregados e grupos indígenas.

Considerando a crise atual, não deve ter sido uma tarefa simples... Quais foram as principais dificuldades encontradas?
Já em novembro de 2000, os nossos bispos haviam denunciado que a nossa crise era moral, uma crise de valores e, desde o início, esse Diálogo confirmou que os interesses de classe foram antepostos ao bem comum. Na minha opinião, este é o motivo substancial da nossa crise. Estamos diante de uma sociedade muito fragmentada, diante de uma crise de desconfiança recíproca, e as partes sociais, ao invés de fazerem um sério exame de consciência quanto às próprias responsabilidades, estão sempre dispostas a atribuí-las aos outros. Infelizmente o próprio Presidente, após um esforço inicial para realizar reformas estruturais para superar essa turbulência, tem demonstrado uma capacidade de atuação muito reduzida.

A que se propõe o Diálogo diante da evidência de que, na Argentina, mais de 40% da população e mais de 60% das crianças vivem abaixo do nível de pobreza?
Os nossos dois objetivos principais são a reconstrução moral do nosso país e a luta crescente contra a pobreza, que gera altos percentuais de exclusão. Se nós continuamos nessa direção, no Diálogo, é para que o escândalo da pobreza tenha uma resposta.

Quais são as perspectivas do Diálogo Argentino?
O desafio que ele deve enfrentar é o de conseguir elaborar um projeto para a mudança de valores e a reconstrução do tecido social. Em breve envolveremos todos os cidadãos, seja em nível local que regional, para definir um manifesto sobre os "Fundamentos da Governabilidade", que pediremos que seja assinado pelos futuros candidatos ao governo do país.

Josè Ramon Cervino
ramoncer@nt.com.br

Qual foi a contribuição dada pelo Prof. Stefano Zamagni (economista da Universidade de Bolonha, já conhecido pelos leitores deste Noticiário – N.d.R.) que esteve recentemente na Argentina?
Entre os vários momentos da sua visita, eu gostaria de ressaltar o Seminário realizado em Buenos Aires, no quadro das atividades do Diálogo Argentino, com 600 participantes, entre os quais un grande número de acadêmicos e intelectuais de alto nível no nosso país. O Prof. Zamagni foi o conferencista central, acompanhado por três economistas das principais correntes de pensamento presentes na Argentina, com o tema "A busca de uma nova racionalidade econômica para a Argentina".
Zamagni concentrou o seu pronunciamento em três observações fundamentais. Primeira: o sistema econômico argentino fundamenta-se, hoje, na economia financeira especulativa, e não na economia real. Segunda: a carência de intelectuais independentes, capazes de oferecer a própria cultura e reflexões para o progresso da sociedade civil organizada, como um contra-poder ao poder político corrupto. Terceira: a ausência de uma economia que seja expressão da sociedade civil organizada. Nesse ponto Zamagni expressava o desejo, entre outras coisas, que houvesse um grande desenvolvimento da Economia de Comunhão.
Uma palestra rica e completa, na qual ele recomendou, para criar coesão social, que se difundisse a proposta de aplicar a fraternidade também na política.

No início deste ano, no artigo «A propósito de profecias não acolhidas: o caso dramático da Argentina», Zamagni expôs uma de suas teses: "A falha, com certeza, não está no capital natural – a Argentina tem de tudo: petróleo, mar rico, terra fértil, riquezas minerais – nem no capital humano – a sua população é culturalmente homogênea e a média do nível de instrução é elevada. O que falta a esse grande país é a confiança e a reciprocidade, sem as quais nenhuma economia de mercado pode resistir por muito tempo e, muito menos, prosperar».
Isso é verdade, mas já se vêem sinais de esperança. Nestes meses, na sociedade civil, está desabrochando uma nova participação, uma verdadeira explosão de solidariedade: os voluntários das ONGs triplicaram, surgem iniciativas no campo social em toda parte.
É um momento histórico também na Igreja. Como afirmou João Paulo II: "Chegou a hora dos leigos". Em todas as cidades, os Movimentos eclesiais e as associações estão se tornando protagonistas, de várias formas, para recompor o bem comum.
Nós que, imersos nesta crise cultural, recebemos o Carisma da Unidade, nos esforçamos para realizar o programa que Chiara Lubich propôs no dia 5 de abril de 2001: «... criar um povo novo, com uma cultura nova, que traz em si os valores que mais consideramos».
Esta é a nossa esperança e a nossa certeza.

Novos espaços de liberdade

Economia de Comunhão na Polônia: a Complex Project

Há quatro anos dirijo, em Katowice, um escritório de projetos no setor rodoviário, projetando, nos últimos anos, inclusive auto-estradas.
Nos primeiros anos, quando eu tinha 20 colaboradores, passei por momentos muito difíceis, porque conseguíamos trabalho por meio de concorrências públicas e vivíamos com a preocupação de sermos excluídos do grupo restrito de construtoras qualificadas.
Essa tenção produzia dois efeitos negativos: ver em cada concorrente um temível "inimigo", ao qual desejar, no profundo do coração, o pior resultado possível, mesmo continuando oficialmente a sorrir; e o segundo era o estresse contínuo de ter que levar vantagem dentro de um sistema de concorrência, uma vez que a possibilidade de um contrato não aparecia com freqüência.
Em 1994, quando eu ouvi falar da Economia de Comunhão, já procurava viver há algum tempo a espiritualidade da unidade, do Movimento dos Focolares. No entanto, tive logo a certeza de que Deus estava me oferecendo a possibilidade de superar aqueles efeitos negativos, levando-me a encarnar o Evangelho também na minha profissão, e por isso aderi logo.
Não foi possível aplicar imediatamente esta nova economia na minha empresa, com decisões coerentes no trabalho cotidiano: era necessária uma transformação interior que exigiu cerca de dois anos até eu conseguir me libertar da convicção de ser o único proprietário da minha empresa.

Nesta terra tudo passa e naquele período eu entendi que deveria deixar espaço a Deus, que Ele era o "verdadeiro" proprietário da empresa, eu era apenas o administrador. Era uma compreensão, com um conseqüente comportamento, que não acontecia de uma vez por todas: esta "libertação" é um processo que se repete a cada dia, que acompanha constantemente a minha vida.

Neste processo de amadurecimento foi fundamental conseguir deixar de considerar a concorrência como uma guerra. Procurando, com a ajuda de Deus "fazer-me um" com os outros, eu era levado primeiro a colaborar com os concorrentes, depois a oferecer ajuda, dividindo o trabalho que não tínhamos condições de concluir sozinhos.
Foi suficiente darmos um primeiro passo nessa direção para que os concorrentes logo retribuíssem. Hoje posso afirmar que as nossas relações com muitos deles transformaram-se numa amizade profissional: todos crescemos em profissionalismo e relacionamento.
Examinando o desenvolvimento da empresa nos últimos anos, posso afirmar que as tensões que antes me acompanhavam hoje têm outras dimensões e que, mesmo quando ainda existem, eu agora tenho condições de vivê-las com um outro espírito, sabendo que atuar numa empresa segundo os princípios da Economia de Comunhão doa à mente e à alma novos espaços de liberdade e me permite também administrar mais sabiamente. Olhando para os anos que se passaram, vejo que o desenvolvimento foi contínuo: hoje conto com 50 funcionários aos quais pagamos pontualmente os salários e as contribuições fiscais e sociais.
A consciência de que Deus é o "Proprietário" estimula ainda mais o esforço de melhorar as relações interpessoais e aumentar a qualidade do trabalho, mesmo sabendo que temos um longo caminho pela frente, até que os nossos projetos, assim como o relacionamento com todos os próximos, sejam realmente (e sempre) expressão daquele Amor que não pede palavras, mas fatos.
Por isso fizemos questão de qualificar a empresa segundo a ISO 9000/2000 e buscamos contínuas possibilidades de crescimento profissional para os nossos funcionários.
Continuamos participando de muitas concorrências públicas e, mesmo não vencendo todas, nos últimos anos os nossos negócios cresceram muito e o lucro aumentou: a empresa tem se desenvolvido de modo harmônico e dinâmico e é cada vez mais considerada e estimada.
Sei que o mérito não é meu, mas sinto uma grande paz pensando que o lucro – cujo montante eu jamais poderia conceber, nem nos meus sonhos mais ousados – podem ajudar pessoas em necessidades que só Deus conhece.
Todos os dias agradeço a Deus pelo dom deste novo modo de viver a profissão, por esta experiência de repartir o lucro, que me enriquece cem vezes mais.
A todas as pessoas que estão começando a atuar nessa direção, eu faço votos de que vivam a mesma experiência.

Andrzej Milkowski
milkowski@complex-projekt.pl

Morrer pela própria gente

Entrevista com Costanza Tan

zf.manila@focolare.org

Floro Flores, empresário da EdC da Asia Pacific, empresa com 35 funcionários, que distribui revistas especializadas, me acompanha na visita a Bukas Palad junto com Leo Ganaden, um dos diretores das empresas. Estando naquelas terras, Floro, assim como os outros empresários filipinos da EdC, pode ver diretamente como são utilizados os lucros destinados aos pobres.

Bukas Palad vive não só graças às empresas da EdC e à contribuição para os "12 mil" dos membros do Movimento dos Focolares: boa parte do trabalho é realizado pelos próprios filipinos, que, além do dinheiro, colocam em comum o tempo, os talentos profissionais e, principalmente, a capacidade de amar.

Antes de visitar Bukas Palad, Leo quer me mostrar a situação das pessoas que são ajudadas. Estamos num bairro popular de Manila, numa rua de trânsito caótico. Olhando de cima da ponte onde estamos, parece-me impossível que aquele amontoado de pedaços de madeira e lata que se vêem às margens do córrego que passa por baixo da estrada possam ser "moradias" para seres humanos!

Depois, descendo por degraus instáveis até o nível do córrego, deixamos a luz ofuscante do sol para penetrar num túnel, tão estreito que só se podia andar em fila indiana; nos dois lados se abrem pequenos cômodos e, em cada um deles, mora uma família: cozinha-se, lava-se, dorme-se, praticamente junto com todos, enquanto as crianças brincam em pequenos espaços. A pouca luz e a massa de pessoas que se concentra ali tornam o ambiente deprimente. Dá vontade de fugir, principalmente por estar com sapatos engraxados e calça bem passada. Andar por aí só para olhar me parece um ultraje às condições e à intimidade daquelas pessoas; no entanto, também este "intruso ocidental" é acolhido com cordialidade e simpatia por estar acompanhado por amigos de longa data, que se interessam pela saúde e pelas aventuras dos filhos de cada um deles.

Ao voltarmos à luz do sol, bem próximo do local, visitamos Bukas Palad, uma construção espartana, um retângulo de cinco andares, com colunas de concreto armado reforçadas. Os andares parecem ter sido construídos um de cada vez, talvez por uma necessidade de ampliação, para dar abrigo a novas atividades.

Somos recebidos por uma senhora alegre que prepara saquinhos de arroz para as famílias das crianças que estão para concluir as aulas de hoje. Logo serão substituídas pelo turno seguinte. Leo me explica quais são os especialistas que trabalham no andar térreo do prédio: dentista, oftalmologista, ginecologista. Há também um laboratório de análises clínicas e uma farmácia.

Curioso, tento entender como é que conseguem desenvolver essas atividades num ambiente tão pequeno. Percorrendo corredores muito estreitos, descubro uma série de minúsculas salas: são pequenas mas bem aparelhadas, com médicos e pacientes sorridentes.

Subimos aos outros andares por escadas íngremes, construídas assim para poupar espaço. Os corrimões são baixos para que as crianças possam descer até o andar onde fica a escola maternal.

Também os andares de cima estão cheios de salas de vários tamanhos, para atividades escolares e trabalhos. Não há muito espaço e, pelos corredores, em mesinhas, as crianças estão escrevendo a cartinha anual de agradecimento para as pessoas que as adotaram à distância.

No último andar, depois de saudar várias classes, chegamos a um salão – o único ambiente com ar condicionado por causa dos computadores: é a sala onde os jovens aprendem informática, para se tornarem mais capacitados, o que facilitará a obtenção de um emprego.

Ao concluirmos a visita, vamos à casa de Costanza, perto dali, que é o centro feminino do Movimento dos Focolares em Manila. No caminho atravessamos um pequeno bairro com casas de dois andares construídas com blocos de cimento; são ruas estreitas mas organizadas, enfeitadas até com vasos de flores. Também esse bairro é fruto de Bukas Palad.

Costanza nos recebe em companhia de uma senhora do bairro, pois aqui todos são de casa. Enquanto ela me oferece um suco, faço-lhe algumas perguntas.

Costanza, como você definiria Bukas Palad?

O nome, em tagalo, significa "mãos abertas". É um centro social mantido pelos membros do Movimento dos Focolares e seus amigos, financiado pelas contribuições da Economia de Comunhão e das adoções à distância das Famílias Novas, através da AMU (Ações por um Mundo Unido) e de outras organizações humanitárias.

O seu programa são as palavras do Evangelho: "Tudo o que fizeres ao menor dos meus irmãos a mim o fizestes" e, "de graça recebestes, de graça deveis dar".

Alberto Ferrucci
alberto.ferrucci@prometh.it

Quando surgiu? A que se dedica?
Viemos a este bairro em 1983, quando, ao visitar o nosso país, Chiara Lubich nos desafiou a "morrer pela própria gente".
O centro começou com 50 dólares arrecadados por meio da venda de objetos usados e se desenvolveu segundo as necessidades das pessoas. Quando encontramos uma criança tão desnutrida a ponto de não conseguir se levantar, iniciamos o programa de nutrição, que agora prevê uma campanha de controle de peso das crianças em sete bairros, envolvendo 129 recém-nascidos. Em dois bairros foi organizado um centro de nutrição no qual todos os sábados são preparadas refeições para 165 crianças.
Uma mãe adoeceu de tuberculose e, por ela, iniciamos um programa de tratamento dessa doença.
Um pai estava desempregado, e por isso foi ativado um setor de busca de empregos que proporcionou a colocação de muitas pessoas.
Diversas famílias também precisavam de emprego, então fizemos pequenos financiamentos para que iniciassem atividades produtivas. Hoje contamos com outros programas de sustento às famílias. Nasceu um centro de produção artesanal que emprega 38 pessoas, inclusive uma mãe que estava esperando um filho e que, com esse trabalho, conseguiu levantar a quantia necessária para o parto. Teve início, ainda, uma carpintaria que fabricou, por exemplo, um carrinho de mão, proporcionando trabalho a uma família.

Neste programa de auxílio social vocês têm algum objetivo específico além de garantir a sobrevivência das pessoas?
Claro. Nós queremos ajudar as pessoas a descobrirem a própria dignidade de filhos de Deus e a desenvolverem suas potencialidades pessoais, cuidando delas e ajudando-as a se tornarem auto-suficientes, responsáveis e membros produtivos da família e da comunidade. Os programas são os mais variados: educação, formação social, educação ao trabalho, educação à saúde.
Considerando que os salários são baixíssimos, aqui nas Filipinas todos têm que trabalhar. Por este motivo, um dos primeiros auxílios que prestamos é garantir uma creche ou uma escola para as crianças, que ficariam sozinhas, na rua, enquanto os pais trabalham. Assim aproveitamos para dar-lhes uma alimentação adequada e para fazer um controle de saúde.

O que vocês fazem de específico no campo da saúde?
Não nos preocupamos só com a saúde das crianças, mas de toda a família. Conseguimos nos dedicar até à medicina preventiva. Temos vários médicos, com diferentes especialidades, que semanalmente prestam serviços gratuitos às pessoas da comunidade. Não dispomos de muito espaço, mas as pessoas são tratadas. O programa de ginecologia, por exemplo, acompanha as mulheres durante os nove meses da gravidez até o nascimento da criança, que depois é acompanhada até os seis anos. Para ajudar as pessoas doentes de modo efetivo, entramos em contato com vários hospitais públicos e particulares, formando uma rede de serviços médicos, ambulatoriais e de análises clínicas. Agora existe também um consultório odontológico que funciona diariamente.

E no campo da educação?
Para facilitar o acesso a um emprego, além das aulas de informática aos maiores, temos um programa de formação escolar, com quatro classes do ensino fundamental que, em dois turnos, atendem cerca de 400 crianças, às quais é servida uma refeição.

Vocês me contaram que às vezes as pessoas trabalham o dia inteiro só para conseguir pagar o aluguel de barracos indignos e que vocês têm enfrentado também o problema da habitação.
O problema habitacional é um dos mais importantes: uma casa, por menor que seja, além de habitação, pode servir para abrigar uma atividade artesanal. Nestes anos, numa parte do terreno que havíamos adquirido para construir o nosso focolare próximo a essas pessoas mais pobres, conseguimos construir pequenas casas para 50 famílias, com cozinha, banheiro, lavanderia e um quarto.

Para um projeto como esse, além do terreno, vocês devem ter precisado de muito dinheiro... Como conseguiram?
Quando falta dinheiro a solidariedade faz milagres. O governo filipino ofereceu a cada família a possibilidade de participar de um consórcio de 25 anos, garantido pelo próprio salário, para a construção de casas. Os nossos pobres não conseguiriam ter acesso, por isso pedimos ao membros do Movimento que não tinham a necessidade imediata de uma casa, que entrassem no consórcio em nome desses mais pobres, garantindo assim a propriedade com uma entrada de aproximadamente mil dólares. Muitas pessoas responderam com generosidade, inclusive renunciando a uma futura casa. Desse modo, agora, ao invés de pagarem o aluguel às vezes até superior por um barraco, 50 famílias pagam as prestações do consórcio e se tornarão proprietárias de suas casas.

Esses exemplos deveriam ser divulgados...
Bukas Palad está começando a atrair a atenção da mídia. Dois programas de TV que se interessam por problemas sociais o indicaram como um "centro social modelo" e um deles filmou as nossas atividades com as crianças e pelas casas populares. Um programa de rádio que quer criar uma consciência social sobre a questão dos idosos realizou uma série de entrevistas com dois dos nossos trabalhadores e as transmitiu durante cinco dias consecutivos.

Onde trabalham os moradores dessas casas?
Nos mais diversos lugares, mas 70 deles agora trabalham também em Bukas Palad. Depois de terem sido ajudados, querem ajudar os outros, juntamente com estudantes, profissionais, mães de família, viúvas que se oferecem para fazer um trabalho voluntário.

O dinheiro que vocês recebem é suficiente?
Fazemos com que seja. Se temos que optar como usá-lo, diante das várias necessidades, preferimos reduzir outras ajudas a fim de priorizar o estudo dos jovens, que desse modo poderão construir um futuro digno e autônomo.

O que você diria às pessoas de outros países que os ajudam?
Diria que gostaríamos muito que todos viessem nos visitar para ver o rosto das crianças que procuram estudar com afinco, o rosto dos médicos que deixam de lado estudos ou carreiras brilhantes para trabalhar gratuitamente conosco, o rosto dos professores, de muitos jovens, o rosto dos que hoje ajudam e que antes eram ajudados... acho que aqueles rostos seriam a melhor garantia de que o dinheiro deles foi bem empregado.

Ajudar os mais pobres gerando desenvolvimento

Stefano Giovannelli

Um dos primeiros passos necessários para desencadear o desenvolvimento econômico é ajudar as pequenas atividades produtivas familiares a transformarem-se em empresas, aumentando a produção e os empregos: faturando, é possível comprar; comprando, a produção aumenta e se desencadeia a espiral produtiva do desenvolvimento. Quem trabalha para promover o desenvolvimento de países mais pobres sabe que, com muita facilidade, se pode criar uma dependência em quem recebe ajuda. Principalmente quando se trata de um auxílio monetário, existe o risco de transformar-se numa saída que não liberta os beneficiados da armadilha da pobreza.

A EdC sempre defendeu a exigência de ajudar os mais pobres criando oportunidades de verdadeiro crescimento humano, não fazendo beneficência, mas buscando a criação de empregos, favorecendo o desenvolvimento *in loco* de atividades produtivas eficientes.

No Terceiro Mundo esse passo não é simples, não tanto por falta de quem compre bens produzidos, que muitas vezes são importados, mas porque falta o capital e a experiência de gestão e, na maioria das vezes, falta aquela forma de capital imaterial que está se revelando como o recurso fundamental para o desenvolvimento: a confiança entre as pessoas, o "capital social".

Não dispondo de bens para dar em garantia, nem de capacidade de demonstrar as vantagens econômicas da própria expansão, em muitos casos as empresas familiares não conseguem adquirir o maquinário que lhes possibilitaria "dar o salto", mesmo com a consciência de que, num curto prazo, esse investimento seria compensado.

Um salto que seria perigoso se faltasse "experiência administrativa", que sabe distinguir as contas da família das contas da empresa, e que consegue perceber em tempo se há geração de lucro ou se há prejuízo.

A própria UNIDO (Agência das Nações Unidas para a promoção do desenvolvimento social) afirma quanto são cruciais o capital e a capacidade administrativa. A UNIDO está sempre à procura de empresários com idéias bem sucedidas para ajudar, com a sua capacidade, a encontrar parcerias nos países industrializados. Quando encontra um projeto que julga válido, em termos de produtividade e de dimensões, a UNIDO se prontifica gratuitamente a preparar o seu plano industrial e a encontrar parcerias que agreguem experiência, capital, equipamento e mercados para os produtos. O equipamento poderá ser adquirido com as linhas de crédito destinadas pelos governos do hemisfério Norte para promover a internacionalização das próprias empresas ou para a cooperação internacional.

Em 2001, o diretor do escritório da UNIDO na Itália, Dr. Stefano Giovanelli, ao conhecer o projeto EdC, colocou-se à disposição. Ele confia na seriedade e no compromisso dos empresários da EdC, e pediu que lhe indicássemos projetos válidos nos países em vias de desenvolvimento.

Vimos nesta oferta um sinal do amor de Deus pelas empresas da EdC presentes ou futuras, e iniciamos a colaboração. Assim, no primeiro semestre de 2002, o Dr. Enrico Sasdelli, especialista em comércio internacional que já conhecia o Movimento dos Focolares, foi encarregado pela UNIDO de visitar vários países do Sudeste Asiático (especialmente as Filipinas) e da África Equatorial (Costa do Marfim e Quênia). Dentre os 50 projetos identificados por ele naqueles países, 15 são de empresários ou futuros empresários da EdC. Alguns deles são de dimensões consideráveis para a UNIDO e atualmente estão na fase final de aperfeiçoamento e busca de parcerias, com ótima probabilidade de serem implementados dentro de curto prazo. Esperamos poder, em breve, falar sobre eles.

Outros projetos, mesmo sendo atentamente estudados e considerados válidos, não puderam ser inseridos nos interesses da UNIDO por serem de pequenas dimensões. Pensamos, então, em dedicar a nossa atenção a esses projetos, nós que sabemos que o valor de uma empresa da EdC não está só no faturamento e no lucro, mas também na cultura da comunhão, aquele tão precioso "capital social" que ela produz e difunde.

Por esse motivo, na página ao lado, publicamos sinteticamente, os projetos de pequenas dimensões que deverão ser atuados nas Filipinas, no Quênia e na Costa do Marfim. Descreveremos cada um deles para que os empresários e amigos da EdC possam conhecê-los e, eventualmente, alguém se prontifique a tornar-se financiador ou parceiro, desenvolvendo, assim, uma nova empresa da EdC.

A decisão do empresário francês François Neveux, alguns anos atrás, de implantar uma empresa sua no Pólo Spartaco, deu uma grande contribuição ao desenvolvimento do Pólo. Hoje as criações de François estão possibilitando a implantação de duas novas empresas da EdC na Argentina, que a UNIDO considera muito positivas.

O mesmo fizeram Agnese e Renzo Argiolas, empresários de Cagliari, na Itália (ver página ao lado): estão se tornando parceiros de cooperativas da EdC de produtores de flores, no Sul das Filipinas. Angelo Testa, empresário italiano, está "adotando" uma empresa filipina...

Quem sabe se outros empresários, especialistas ou financiadores não se sentirão impelidos a assumir um dos projetos expostos! De qualquer forma, além dos projetos específicos, seria preciosa a ajuda aos pequenos empresários de uma região, por exemplo, do Quênia ou das Filipinas, para que cresçam no aspecto administrativo, realizando um curso (em inglês) de gestão empresarial. Quem estivesse disponível para esse trabalho voluntário poderia, nesse ínterim, ajudar eventuais investidores a controlar que o capital enviado seja realmente utilizado.

Encerrado o ano de 2002, chega ao fim também o trabalho da UNIDO em favor dos projetos EdC, mesmo se não se excluem futuras relações com essa agência internacional que está a serviço de todos – agora estamos bem conscientes da sensibilidade social dos que a administram.

O crescimento de uma rede mundial de comunhão entre empresas e empresários da EdC, com uma atenção especial pelas empresas que quiserem inserir-se nos pólos industriais próximos às Mariápolis Permanentes do Movimento, será um dos interesses da "Fundação por uma Economia de Comunhão", que será constituída em breve.

Alberto Ferrucci
alberto.ferrucci@prometh.it

Pequenos projetos que esperam por financiadores

No Quênia, nas Filipinas e na Costa do Marfim

QUÊNIA

• **Food Processing** – Nairóbi
Investimento necessário: US$ 10.500
Expansão de uma padaria e confeitaria com um ótimo mercado local. O investimento é necessário para adquirir equipamento para a produção.
Faturamento atual: US$ 30.000/ano
Faturamento previsto com a expansão: US$ 150.000/ano

• **Kanjabi Wools** – Nairóbi
Investimento necessário: US$ 10.500
Expansão de uma atividade existente de carda e fiação para o mercado local. O investimento servirá para aquisição de equipamento em vista de um aumento de produção.
Faturamento atual: US$ 15.000/ano
Faturamento previsto com a expansão: US$ 67.000/ano

• **SKL** – Nairóbi
Investimento necessário: US$ 47.000
Expansão de uma empresa que produz farinha de trigo para o mercado local. O investimento é necessário para adquirir equipamento a fim de aumentar a produção, garantindo também a qualidade total e a embalagem automatizada do produto acabado.
Faturamento atual: US$ 30.000/ano
Faturamento previsto com a expansão: US$ 120.000/ano

• **Sagup** – Nairóbi
Investimento necessário: US$ 5.000
Expansão de uma atividade recém-implantada: produção de bolas de couro costuradas à mão, para o mercado local. O projeto surgiu para oferecer emprego aos jovens e para oferecer ao mercado um produto muito procurado e que atualmente é importado, embora o Quênia seja um importante produtor de couro. Faz-se necessário um aumento de capital para criar uma estrutura mínima. Em poucos meses, foi vendida uma grande quantidade de bolas às escolas locais, pela metade do preço das bolas importadas. Os produtos obedecem às normas da FIFA.
Faturamento previsto com a expansão: US$ 30.000/ano

FILIPINAS

• **Hive Manufactoring Company** – Cebu
Investimento necessário: US$ 20.000
Expansão de uma atividade existente de produção de acessórios para decoração: lustres, biombos, mesinhas, produtos com bases de ferro batido, revestidos de papel produzido no país com fibras de qualidade (como o abacá) para mercados externos. Atualmente as encomendas são quase todas da Europa.
Financiamento para aquisição de maquinário, a fim de aumentar a produção.
Faturamento previsto com a expansão: US$ 65.000/ano.

• **Roy's Calibrata** – Cebu
Investimento necessário: US$ 70.000
Expansão de uma empresa especializada em calibragem de bombas diesel de injeção, com clientes de alto nível no mercado local. Financiamento para a aquisição de equipamento, a fim de aumentar a disponibilidade dos serviços.
Faturamento previsto com a expansão: US$ 100.000/ano.

Enrico Sasdelli
e.sasdelli@virgilio.it

COSTA DO MARFIM

• **Gráfica** – Man
Investimento necessário: US$ 150.000
Expansão de uma gráfica que trabalha com publicações em geral (livros, revistas, calendários). O financiamento é necessário para a aquisição de equipamento, a fim de aumentar a disponibilidade dos serviços. A tipografia é uma das principais atividades produtivas do país. O novo equipamento permitiria atender também o mercado externo, considerando os baixos custos de produção.
Faturamento atual: US$ 150.000/ano
Faturamento previsto com a expansão: US$ 280.000/ano

• **Marcenaria** – Man
Investimento necessário: US$ 50.000
É a única marcenaria da região Centro-Oeste do país, que produz, para o mercado local, portas e janelas em madeira e ferro, além de móveis de qualidade. A demanda é muito superior à oferta, que pode aumentar somente com novas máquinas e a conseqüente criação de novos empregos.
Faturamento atual: US$ 30.000/ano
Faturamento previsto com a expansão: US$ 97.000/ano

Uma "rodovia de flores" entre as Filipinas e a Sardenha?

O clima do Sul das Filipinas propicia o cultivo de flores durante quase todo o ano, especialmente de orquídeas. Algum tempo atrás, milhares de agricultores cultivavam as flores nos próprios campos e as vendiam no mercado local, até que dois consórcios de renome nacional ocuparam o espaço das pequenas plantações, mesmo se o país – grande consumidor de flores – importa cerca de 40% da demanda.
Ultimamente alguns empresários que aderem ao projeto EdC estudaram a possibilidade de organizar numa cooperativa vários grupos de agricultores, ao redor de um núcleo central que tome as decisões quanto à produção e ao *marketing*. Constituiu-se uma sociedade para a produção e comercialização no mercado local de orquídeas, que prevê um investimento de US$ 150.000.
Ao mesmo tempo, fomos interpelados por Agnese e Renzo Argiolas, empresários floricultores com várias lojas em Cagliari (Sardenha, Itália) que pretendem criar uma rede de lojas em toda a Sardenha que, além de arranjos de flores, comercializem pequenos objetos de decoração e artesanato provenientes de várias partes do mundo, transformando o arranjo num elemento de composição global.
Agnese e Renzo conheceram o projeto EdC e querem iniciar uma nova atividade, segundo esse estilo, que lhes permita o acesso à produção de flores diretamente nos mercados orientais. Desejavam, portanto, constituir uma sociedade em parceria com pessoas que se interessam pelo projeto EdC. Apresentamos a eles o estudo de viabilidade do projeto filipino e eles o aceitaram. Atualmente estão examinando os dados econômicos e, se forem satisfatórios, enviarão a primeira parcela do financiamento (50.000 euros) e farão a primeira viagem às Filipinas para conhecer os sócios potenciais da *joit-venture* EdC ítalo-filipina.

A família Argiolas

O Movimento por uma Economia de Comunhão hoje

O ano 2002 foi particularmente rico de atividades e resultados, em várias frentes. Em 1991 e nos primeiros anos, o projeto EdC era composto apenas de *empresas* e de *pobres*; depois, seguindo um desenvolvimento natural, surgiram os pólos – o mais recente é o Pólo Lionello, de Loppiano – e, portanto, os *estudos*, das teses (pp. 22-24), que já passam de cem, às reflexões de estudiosos (p. 25), aos congressos de economistas (p. 20) até os livros e estudos mais científicos (cf. quadro).

Recentemente, a esses três componentes básicos somaram-se outros três que, somente se forem considerados conjuntamente, darão a idéia correta do que seja a EdC hoje.

Refiro-me particularmente ao *diálogo com as instituições internacionais* (p. 19), ao documento "Por uma ação econômica de comunhão", ao lançamento do Fundo Jovens do Mundo, à *escola de empresários* que teve início em Milão (e realiza-se também na Mariápolis Ginetta – n.d.T.), ao debate sobre a crise argentina (p.12), às dimensões da *reflexão sobre o consumo* e os "estilos de vida" (p. 26). Todos esses são sinais que exprimem com eloquência o quanto a experiência das empresas EdC é fecunda, cresce, se multiplica e se torna mais complexa.

O que é que fascina e nos faz ter esperanças nas empresas da EdC e no movimento cultural que a cerca? Um primeiro ponto é a própria natureza da experiência: empresas *eficientes* que tem por objetivo a *comunhão*. A EdC está se revelando uma combinação feliz das vantagens da empresa – que cria riqueza e desenvolvimento melhor do que outras instituições – e das exigências de solidariedade e justiça: economia e comunhão, justamente.

Esta sua característica, que não nasceu de um plano, mas da própria vida, presente desde a primeira intuição de Chiara Lubich – "vamos criar *empresas*" – suscita críticas por parte de alguns estudiosos ativos no movimento anti-globalização, pois não é suficientemente "contra" os mercados e os empresários. Por outro lado, faz com que a maior parte das pessoas que buscam algo novo vejam a empresa de comunhão como *empresa social* por antonomásia.

De fato, a EdC não se contenta de adiar a atenção ao "social" para um momento sucessivo ao de "construir a empresa": o "princípio de gratuidade" é vivido na atividade econômica ordinária.

A empresa se ocupa *diretamente* da sociedade civil (formação cultural) e dos pobres, num sistema de *Welfare State* que entrou em profunda crise logo após a globalização, pois baseia-se num princípio territorial que hoje não funciona mais. De fato, hoje as grandes transações não acontecem mais em espaços controláveis e possíveis de serem taxados, mas nos "não-espaços" das altas esferas financeiras e da Nova Economia.

A EdC se apresenta como um caminho percorrível e igualitário rumo a um novo *Welfare society*, baseado em princípios de eficiência, gratuidade e subsidiariedade.

Ainda resta muito trabalho a ser feito, mas não podemos deixar de reconhecer que a cultura e as propostas operacionais que estão nascendo a partir da EdC gozam de uma feliz combinação. O trabalho cultural, de fato, está colocado entre "duas chamas": o carisma da unidade, com a sua bagagem de luz e de profecia, e a concretude das empresas e dos pólos da EdC, que demonstram, na história, que a profecia de Chiara está se tornando realidade.

Nestes últimos tempos a quebra das bolsas, a falência de grandes multinacionais, a grave crise argentina, os urgentes temas ambientais e relativos ao desenvolvimento dos países pobres, ressaltam com muita clareza as grandes limitações de um sistema econômico alicerçado na lei da maximização do lucro.

São cada vez mais numerosas as pessoas que, na sociedade civil e na academia, buscam novos caminhos e novas inspirações.

Em tal contexto, fechado e luminoso ao mesmo tempo, a proposta cultural que nasce da Economia de Comunhão pode encontrar e, de certa forma já encontra, um terreno fértil como nunca.

Luigino Bruni
luigino.bruni@unimib.it

Algumas das publicações mais recentes (em português, italiano e inglês):

• *Anais do Bureau Internacional da Economia e Trabalho 1999*
Cidade Nova/ Centro de Estudos, Pesquisa e Documentação da Economia de Comunhão, 1999

• Bruni, L.
Economia de Comunhão – por uma cultura econômica em várias dimensões
Cidade Nova/ Centro de Estudos, Pesquisa e Documentação da Economia de Comunhão, 2001

• Autores vários
Economia de Comunhão
Cidade Nova, 1992

• Autores vários
Economia de Comunhão - 2ª edição (ampliada)
Cidade Nova, 1998

• *Anais do Congresso Nacional da Economia de Comunhão 2002*

• Lubich, C.
L'Economia di Comunione – storia e profezia
Città Nuova, 2001

• Ferrucci, A.
Una globalizzazione solidale per un mondo unito
Città Nuova, 2001 (em italiano e inglês)

• Ferrucci, A.
Il progetto di Economia di Comunione
"Aggiornamenti sociali", 53/4 (2002), pp. 324-332.

• Bruni, L. e Pelligra, V. (organizado por)
Economia come impegno civile: relazionalità, ben-essere ed Economia di Comunione
Città Nuova, 2002
Contributi di 18 autori, tra cui B. Gui e S. Zamagni

• Gold, L.
The Sharing Economy: globalisation, solidarity and global communities
Ashgate, London, 2002

• Bruni, L.
Le sfide dell'Economia di Comunione
Impresa Sociale, 58 (2001), pp. 23-37

• Bruni, L. (org.)
Economy of Communion,
toward a multi-dimensional economic culture
New City Press, Hide Park (NY), 2002

A ONU e a responsabilidade social das empresas

Entrevista com Leo Andringa

O senhor foi escolhido pelas Nações Unidas para compor a delegação de 25 especialistas, em nível mundial, que participaram de um workshop *em Copenhague sobre "Responsabilidade Social da Empresa". Como aconteceu essa designação?*
A ONG *New Humanity*, que representa junto à ONU as obras sociais do Movimento dos Focolares, colabora há anos, em vários setores, com o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas. No ano 2000, foi convidada a apresentar em, Nova York, a experiência da EdC e, em 2001, promoveu, em Gênova, o congresso internacional "Por uma globalização solidária rumo a um mundo unido", tendo como um dos palestrastes John Langmore, que na ocasião era responsável pela Divisão de Políticas Sociais e Desenvolvimento (atualmente é responsável pelo escritório da Organização Internacional do Trabalho em Nova York).
Em janeiro de 2002, Lorna Gold e Filipe Coelho participaram da preparação do Congresso de Monterrey e em abril Luigino Bruni esteve com o novo responsável pela Divisão de Políticas Sociais e Desenvolvimento, Sergei Zelenev, de nacionalidade russa e que, há 20 anos, está em Nova York.
O fato de ter-nos solicitado a presença de um especialista para o encontro de Copenhague parece-me um sinal de apreço pelas nossas obras concretas de solidariedade no mundo inteiro, pelas obras sociais e empresas da EdC, que refletem, de modo especial, os valores e enfoques da ONU.

Fale-nos do workshop *de Copenhague.*
Foi um seminário de cinco dias, que aconteceu num belíssimo castelo isolado, para evitar distrações, e contou com a presença de especialistas de todos os continentes. Éramos hóspedes de uma organização subsidiada pelo governo dinamarquês, que surgiu após o Fórum Econômico-Social de Copenhague, celebrado há dez anos. O objetivo do seminário era elaborar um documento que servisse de subsídio ao Secretário-Geral da ONU sobre as potencialidades oferecidas pelas empresas privadas, especialmente as grandes empresas, para resolver os problemas do desenvolvimento do mundo.

Pode nos dizer algo sobre os resultados do encontro?
O documento ainda está sendo elaborado, mas posso dizer que foi muito interessante constatar que, atualmente, em muitas das grandes empresas, as estratégias são montadas com uma maior responsabilidade social: leva-se mais em conta os interesses dos trabalhadores, a situação social, cultural e ambiental, o bem-estar dos consumidores e de todas as pessoas que, de alguma forma, estão ligadas à atividade da empresa – os assim chamados *stakeholders* – e não apenas os acionistas (*shareholders*).

Qual a origem desta "conversão à ética" por parte das empresas?
Surgiu, inicialmente, do intuito de reduzir os prejuízos econômicos que todos esses interlocutores podem gerar se não forem considerados. Os fatos de 11 de setembro tiveram um papel decisivo nesse sentido: foi como se, nas grandes empresas, tivessem entendido, de uma hora para outra, que a responsabilidade social torna-se fundamental para o seu futuro bem-estar. Antes mesmo dos políticos, os empresários perceberam que as suas atividades, presentes em toda parte, não conseguiriam prosperar em ambientes hostis. De fato, não são os mísseis que convencem um consumidor a optar por um produto. Além disso, os empresários começaram a perceber que agir eticamente nem sempre é sinônimo de fazer maus negócios: pelo contrário, muitas vezes leva a uma premiação. É cada vez maior o número de investidores que aplicam seu dinheiro em Fundos Éticos, os quais demonstraram um rendimento igual ou superior aos outros, inclusive do ponto de vista financeiro.

Que mensagem esse congresso levará ao Secretário-Geral da ONU?
A maioria dos participantes ressaltou a novidade do momento, isto é, a conveniência de abordar os problemas do desenvolvimento, associando as (grandes) empresas privadas com o setor público, as comunidades e as organizações da sociedade civil local. Por exemplo, no combate à AIDS e aos problemas da educação.

Como o senhor vê essa indicação?
Depende: se a considerarmos como um convite às grandes empresas a doarem uma fatia maior de seus lucros em nome da responsabilidade social, então me parece muito positivo, pois, até agora, para ser sincero, não foram canalizados muitos recursos. Por outro lado, se isso significa confiar a essas empresas o dinheiro público para que o empreguem com maior eficiência do que os Estados e que algumas ONGs da sociedade civil (bem intencionadas, mas pouco organizadas), então, a minha aprovação não é tão convicta assim.
Um maior envolvimento das empresas nessa problemática, com certeza, possibilitaria a transferência de cultura administrativa e de capacidade operacional – que são as verdadeiras riquezas das empresas – a outros setores que carecem desses valores.
Porém, poderia se transformar numa nova forma de colonização, pois quem iria agir seriam sempre as empresas, cujo objetivo é a geração de lucro: seria otimista demais e ingênuo acreditar que, mesmo se a empresa não assumir uma nova cultura, os seus administradores poderão ter um comportamento interior diferente da pura busca de lucro, como sempre fizeram.

Qual foi a sua contribuição?
Cada participante contribuiu com uma exposição. Eu apresentei a experiência da EdC e a novidade que, nas empresas EdC, a responsabilidade social é natural e um comportamento ético, bem como a partilha, já estão presentes no momento da produção da riqueza – e não só no momento de destinar o lucro.
Sergei Zelenev, responsável pelo *workshop*, definiu a experiência da EdC como "uma dimensão nova", capaz de enfrentar os problemas sociais do mundo pela raiz. Steen Jorgensen, Diretor para o Desenvolvimento Social do Banco Mundial, em Washington, reconheceu abertamente que a nossa experiência contém a chave para resolver todos os problemas econômicos e sociais, ao passo que os auxílios financeiros ao desenvolvimento, como pode dar, por exemplo, o Banco Mundial, às vezes chegam a destruir a economia, ao invés de resolver o problema.
Demonstrou muito interesse também o chileno Erwin Hahn, que há 20 anos participa ativamente do Movimento de Schönstadt. Ele deseja visitar o Pólo empresarial da Mariápolis Ginetta.

Lorna Gold
lorna_gold@hotmail.com

Economistas reunidos

No primeiro fim de semana de março de 2002, próximo ao lago de Albano (Castelgandolfo), surgiu uma nova iniciativa de estudo e de aprofundamento: cerca de 50 economistas e empresários, estudiosos e estudantes de 15 países europeus, da América do Sul e uma representante da África Central reuniram-se na localidade de Palazzola.
Foi um momento de comunhão entre economistas, à luz e na atmosfera da Escola Abba, o Centro de Estudos do Movimento dos Focolares. Constituiu uma escola de vida e de pensamento, que partiu do pacto recíproco de "cortar" as próprias raízes culturais para partilhar e aprofundar os pontos que estão emergindo da nova teoria econômica trazida pelo Ideal da unidade, e a descoberta da potência revolucionária da categoria da comunhão, que renova profundamente as disciplinas econômicas.
Representou também uma oportunidade de reflexão e elaboração teórica e tecnica, estimulada por alguns encontros com estudiosos da Escola Abba.

Luigino Bruni inaugurou e coordenou aqueles dias de estudo com o "desafio" de rever a ciência econômica à luz de uma antropologia trinitária, para dar espaço ao estudo de uma realidade que sabe superar as análises de mercado e deixar agir uma "pessoa em relação", que sabe que o uso dos bens é um dom, é comunhão, e pode levar à felicidade.
Benedetto Gui propôs a superação do conceito de "troca" na interação econômica, para aprofundar o conceito de "encontro" como processo produtivo, que pode considerar componentes relacionais e intangíveis, numa chave de leitura que enriquece a compreensão dos eventos econômicos e encontra, no diálogo, o método de pesquisa.
Giuseppe Maria Zanghì, partindo de uma análise do contexto cultural moderno e contemporâneo, ampliou o olhar e o coração à possibilidade e necessidade de suscitar uma cultura nova, sustentada por categorias conceituais que exprimem a experiência de unidade entre pensamento e vida.

Vera Araújo e Piero Coda partilharam o desenvolvimento, as contribuições específicas e as "descobertas" dessa nova cultura no âmbito sociológico e teológico, confirmando que a cultura de comunhão já é rica e ativa.
Com a contribuição de Luca Crivelli (Universidade de Zurique), Leo Andringa (Banco da Holanda), Vittorio Pelligra (Universidade de Cagliari e East Anglia), Lorna Gold (York University), Alberto Ferrucci (empresário), Cristina Calvo (Caritas Argentina), Caterina Mulatero (Instituto Misticy Corporis, de Loppiano) e de Genevieve Sanze (economista da África Central), foi possível entrever os frutos concretos do encontro entre categorias econômicas e categorias do Ideal da unidade em âmbitos de pesquisa e operacionais diferentes: da confiança à solidariedade, da ética empresarial às finanças internacionais, ao projeto que já é experiência da Economia de Comunhão na liberdade.

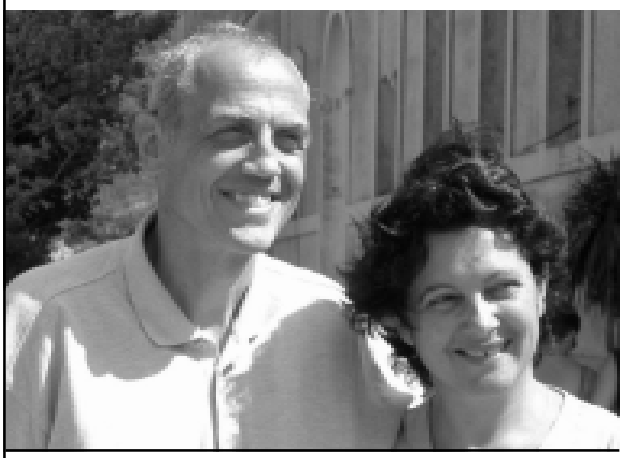
Cada estímulo foi motivo de comunhão e de diálogo entre todos os participantes, com profissionalismo e seriedade, mas na alegria de se conhecer e de partilhar a vida e as idéias, com criatividade e vivacidade.
Muitos países, muitas idades diferentes, muitas áreas de atividade e de experiência se compuseram, aos poucos, num conjunto, num quadro significativo e fascinante. Todos puderam reencontrar as suas raízes numa plenitude mais completa de especificidade e de contribuição, na adesão compacta a um único projeto cultural, na participação num único corpo que tende a realizar aquela "economia de Jesus" que, depois desta experiência, parece estar mais próxima.
Um experiência que, nos meses seguintes, continuou no diálogo e na partilha de propostas, eventos, dificuldades e alegrias, produzindo muitos frutos: organização e participação em encontros e seminários, publicação de textos, discussões de teses de graduação e de doutorado, início de novos projetos de pesquisa...
Pode-se dizer que o encontro de economistas 2002 foi um ponto de partida, o início de um percurso ainda por descobrir, a fim de levar ao mundo econômico uma contribuição nova, fruto da comunhão entre corações e inteligências que se torna categoria de interpretação e de orientação, na compreensão e no projeto de iniciativas acadêmicas e empresariais.

Elisa Golin
elisa.golin@unilab.it

EdC nos EUA: notas de uma viagem

Cena 1
Local: Gramado com árvores e esquilos ao redor do auditório da Mariápolis Luminosa, Hyde Park, Nova York.
Atores: 40 pioneiros da EdC provenientes de todas as partes dos EUA e do Canadá, inclusive duas centro-americanas e um "observador" da Mariápolis Ginetta; alguns habitantes da Mariápolis Luminosa.
Ação: Os atores se cumprimentam calorosamente, felizes por se encontrarem ou se reencontrarem. Depois de entrarem no auditório começam as apresentações. Um rápido cálculo mostra que as suas empresas ou microempresas talvez representem 0,0001% da economia norte-americana, mas os pioneiros não parecem assustados com o empreendimento que têm diante de si (difundir a "cultura da partilha e da comunhão" desde os bancos de Manhattan até Québec, Vancouver, Caribe), mas renovam o pacto que os une e reforçam o compromisso que assumiram juntos.

Cena 2
Local: Auditório transformado em "tribunal".
Atores: No papel de "réus", Joann e Tom Rowley (que juntamente com Joan Duggan – que não pôde estar presente – administram a "Finish Line"); o juiz é Joe Clock e todos os outros compõem o júri popular.
Ação: O presidente explica que a Finish Line, tendo que tomar decisões importantes sobre o seu futuro, tem o prazer de partilhá-las com todas as pessoas presentes; Joann e Tom descrevem brevemente a história, as atividades e as possíveis perspectivas da sua escola. Depois o juiz propõe que seja discutido um ponto por vez: exame da situação atual, análise das alternativas futuras, o que considerar do passado, que tipo de liderança adotar, como envolver professores e famílias. A discussão prossegue com demasiada participação para manter-se dentro das linhas propostas, mas resulta construtiva (por exemplo, é sugerida a possibilidade de ceder o modelo de atividade a grupos de professores interessados em reproduzi-la) e útil também para os outros empresários presentes (refiro-me especialmente à troca de idéias sobre os critérios a serem seguidos para selecionar um empregado que vai ser admitido).



Benedetto e Maria Gui
gui@decon.unipd.it

Comentário: Parece-me importante repetir a experiência de *case study* (estudo de um caso empresarial) feita na Luminosa, naqueles dias. Uma condição fundamental é que a atitude dos "réus" seja de grande abertura diante das perguntas, das idéias e dos conselhos dos outros, como fizeram Joann e Tom, que estavam felizes por confiar, de certo modo, a empresa deles à unidade de todas as pessoas presentes, a fim de que possa realizar cada vez melhor o seu serviço aos alunos, aos professores e à sociedade.

Cena 3
Local: A mesma sala.
Seqüência A
Atores: O escrivão, de pé, no tablado, que se esforça para mostrar por meio de um esquema gráfico que, em cada encontro face a face na esfera econômica, estão em jogo bens do tipo tradicional e "bens relacionais"; um participante que chamaremos de "J"; os demais participantes.
Ação: Durante a explicação da sexta flecha do esquema, "J" se levanta, vai até o tablado e diz: "Um momento! Mas então quando eu recebo um cliente com mais abertura esta flecha torna-se maior e, portanto, naquele retângulo encontramos uma produção maior de bens relacionais". Depois se levanta um outro participante e tenta usar o esquema para descrever o que acontece quando trata com um empregado, e assim por diante. O relator não poderia estar mais satisfeito!

Seqüência B
Atores: Vários palestrantes sobre o tema "O que é e o que faz o Movimento por uma Economia de Comunhão (MEdC)?"; ouvintes um pouco cansados sobre tudo o que já foi dito sobre as empresas EdC, pouco desejosos de abordar um outro tema.
Ação: A prestação de contas da atividade desenvolvida em várias partes do mundo (exposições em congressos, contatos pessoais com dirigentes de organismos internacionais, publicação de livros e de artigos, promoção de novas empresas EdC) transmite a idéia de que aquilo que se entende por MEdC não é algo separado da EdC e reservado a alguns especialistas distantes, mas é um itinerário a ser percorrido com a contribuição de todos (inclusive dos americanos!), para que a lógica que está por trás daquelas empresas torne-se cada vez mais cultura cotidiana, capaz de orientar a ação e de ser comunicada com uma linguagem mais adequada a cada interlocutor. Mais uma vez os ouvintes acolhem positivamente.

Comentário: Uma das primeiras contribuições dos americanos ao MEdC é a capacidade que eles têm de traduzir as idéias em instrumentos operacionais, como se elas não pudessem ser um monopólio de quem se ocupa de uma determinada atividade, mas devem servir para a vida. Um outro elemento precioso é a proximidade geográfica mas, acima de tudo, cultural, em relação a quem atua nos centros do poder econômico. Quem é amigo, parente, ex-colega de escola de dirigentes de multinacionais ou funcionários de grandes bancos sabe muito bem que, por trás daquelas que parecem máquinas sem coração, existem pessoas normais, com os seus defeitos mas também com a sua generosidade, e sabe como falar a elas. Isso pode nos ajudar a não pronunciar sentenças de condenação generalizadas, mas a compreender melhor quais são os mecanismos que geram resultados inaceitáveis e como se pode intervir para modificá-los.

Cena 4
Local: Refeitório
Atores: Congressistas já saciados, prontos para partir; as pessoas que trabalham na cozinha, sempre sorridentes, e os outros habitantes da Mariápolis Luminosa.
Ação: É a hora das despedidas, dos abraços, da gratidão de um para com o outro pela contribuição que deu para o bom êxito deste encontro, de um pensamento cheio de reconhecimento a Quem consegue fazer de um simples congresso um momento tão profundo e significativo que será difícil esquecer.

Continua aumentando o número de teses já apresentadas sobre o projeto Economia de Comunhão. As nove teses aqui citadas – uma delas da Costa do Marfim – elevam para 95 o número das que podem ser consultadas no site www.ecodicom.com e registra-se mais de cem que já foram discutidas nas várias universidades do mundo. Os temas tratados demonstram a ampliação progressiva das pesquisas sobre o projeto EdC, com uma atenção especial para com os aspectos econômicos e organizacionais que emergem da centralidade da pessoa humana no processo produtivo.

Danilo Cerelli

Elisa Pigni

Geneviève Sanze

Michela Santellani

Danilo Cerelli

danilocerelli@libero.it

Diploma em Economia e Comércio
Universidade La Sapienza, de Roma
10 de junho de 2002

Tese em geografia econômica:
Economia de Comunhão no Brasil: nascimento, história e efeitos no território

Orientador:
Prof. Attilio Celant

Após uma análise das raízes históricas e dos problemas econômicos e sociais que afligem o Brasil, foram analisadas as políticas econômicas aplicadas pelo Estado na última década e, entre as iniciativas da sociedade civil, especificamente, a experiência da EdC, de modo particular porque ela não está alheia à economia de mercado e nasce no Brasil, a partir de um Movimento com claras exigências de justiça social. O núcleo do trabalho de pesquisa foi elaborado numa viagem ao Brasil, os dados foram levantados em entrevistas nos locais de trabalho, diretamente com os protagonistas desta experiência: diretores de empresas, funcionários e clientes (dessas empresas), a fim de analisar os efeitos no território.
Assim são definidas as características da experiência da EdC, a posição central que ela dá ao homem na atividade econômica, a integração da empresa no contexto no qual ela atua, a intervenção do "sócio invisível" e a motivação da sua atividade. A conclusão evidencia os desafios culturais que essa experiência lança à teoria econômica dominante.

Elisa Pigni

felpigni@tin.it

Diploma em Economia Empresarial
Libero Istituto Universitario Carlo Cattaneo di Castellanza
5 de julho de 2002

Tese em Organização do Trabalho
A centralidade do organismo pessoal nas empresas de Economia de Comunhão

Orientador:
Dra. Eliana Minelli

O trabalho se propõe a demonstrar que é possível introduzir uma "cultura da pessoa" na administração empresarial. Após uma apresentação da experiência EdC e uma sua análise à luz da concepção da economia a serviço do homem, própria da Doutrina Social da Igreja, passa-se a examinar, na EdC, a estrutura empresarial e os instrumentos de valorização do pessoal, bem como a participação dos empregados na vida da empresa, a comunicação interna e a formação. Tudo isso foi realizado por meio de um questionário respondido por 37 empresários italianos da EdC. Concluiu-se que o segredo que permite às empresas da EdC serem competitivas e prosperarem tem origem justamente no fato de colocar a pessoa no centro da administração empresarial.

Geneviève Sanze

gsanze@yahoo.fr

Mestrado em Administração
Universidade de Pigier Abidjan/ Costa do Marfim
maio de 2002

A experiência da Economia de Comunhão e o seu impacto na Administração

Orientadores:
M. Yeye Yadeh Maxime
M. Piet Heyse

Servindo-se das experiências de empresas belgas que aderem à EdC, foi analisada a influência que o projeto tem nas escolhas empresariais: emergiu que essas empresas, ao definirem as suas escolhas, na reflexão sobre as estratégias, levam em consideração também uma reflexão ética.
No mundo moderno, a reflexão estratégica do administrador supera amplamente o âmbito da empresa e isso exige uma "nova cultura", homens novos, capazes de compreender novas perspectivas em todos os setores da atividade humana.

Michela Santellani

michelasantellani@yahoo.it

Diploma em Economia e Comércio – Habilitação em Economia Empresarial
Univeridade dos Estudos de Verona
26 de março de 2002

Recursos humanos e criação de valor "total". Uma comprovação empírica no projeto EdC

Orientador:
Prof. Federico Testa

Os fatores produtivos que prevalecem atualmente são o conhecimento e o capital humano: o sucesso econômico depende, portanto, da capacidade de atrair e manter talentos na empresa.
Quem passa boa parte do seu tempo no trabalho, deseja atuar, cada vez mais, num ambiente que o envolva ativamente e, sob este aspecto, são tomadas em consideração as empresas da EdC, nas quais é dada grande atenção à participação dos trabalhadores na vida empresarial. Depois de analisar as *best practices,* sob este aspecto, em empresas da EdC da Austrália, Filipinas e Brasil, foi realizada uma pesquisa específica na "Tecnodoor", de Rovereto, cujos resultados confirmaram a importância primordial desse aspecto.

Adriana Gabbi

adrgb@libero.it

Diploma em Ciências
da Educação
Sociologia da Organização
Universidade dos Estudos de Verona
14 de fevereiro de 2002

As metáforas organizacionais nas empresas EdC: entre metáfora e realidade

Orientador:
Dra. Landuzzi

Foi estudado o modelo de administração que é comum às empresas EdC, analisando as organizações também segundo uma perspectiva simbólica, com uma atenção especial às metáforas organizacionais, úteis para sistematizar e dar significado às experiências.
Foi realizada uma pesquisa entrevistando 11 empresários e uma outra entrevistando os funcionários de uma empresa EdC. As empresas da EdC organizam o próprio estilo de administração alicerçando-o no respeito ao homem. As metáforas que emergiram na pesquisa, que comparam a empresa a uma família, ao arco-íris, a um corpo, a um gramado florido, demonstrando que a cultura empresarial marcada pelos valores da EdC transforma a empresa num espaço de produção conjunta, no qual são produzidos apenas bens materiais, mas também bens "imateriais" e importantíssimos, como a qualidade das relações humanas.

Emmanuela Cadeddu

ecadeddu@tiscalinet.it

Psicologia do trabalho
e das organizações sociais
Universidade de Cagliari
13 de dezembro de 2001

A comunicação nas empresas sociais: o projeto de um boletim empresarial

Orientador:
Prof. Giuseppe Scaratti

A comunicação organizacional, além de buscar a troca de informações para alcançar resultados, é também o terreno no qual pode nascer uma colaboração conjunta e uma partilha de significados dentro de um contexto dotado de sentido. No intuito de demonstrar isso, foi criado um boletim mensal que implementou a comunicação dentro de uma cooperativa social de tipo "B", que desde 1991 adere ao projeto EdC.
Os resultados positivos do projeto, levantados por meio de um questionário dirigido aos funcionários da empresa, demonstraram que a comunicação é um recurso estratégico que deve ser inserido num contexto que dê centralidade aos recursos humanos, encontrando novos espaços de autonomia e de discrição dentro dos quais cada membro se sinta plenamente expresso.

Manila Carassai

manila.carassai@libero.it

Diploma em Economia Bancária
Universidade de Civitanova Marcas
21 de fevereiro de 2001

A experiência concreta da EdC: uma oportunidade de reflexão sobre a relação entre a economia e o homem

Orientador:
Prof. Paolo Ramazzotti

Buscou-se compreender a importância econômica da valorização e do respeito pela dignidade do homem e pela sua liberdade – característica do projeto EdC.
Depois de examinar as teorias de Sen e de Hirschman sobre "dimensões humanas", são aprofundados conceitos de "economia civil", "terceiro setor", "bens relacionais" e "reciprocidade". É apresentado o projeto EdC, fundamentado na cultura da partilha, ilustrado com entrevistas a duas cooperativas que aderiram ao projeto EdC.
Conclui-se que existem formas de relação econômica que concorrem com as que hoje predominam na economia de mercado, e que se baseiam nas relações interpessoais vistas como um bem em si mesmas e como oportunidades de cooperação.

Valentino Tesei

teseiborgo@libero.it

Diploma em Economia
e Comércio
Economia do Desenvolvimento
Universidade de Perugia
12 de fevereiro de 2002

Razões para uma Economia de Comunhão

Orientador:
Profª. Giorgia Ballarini

São ilustradas as contribuições inovadoras dadas pela EdC ao pensamento econômico, especialmente a concepção de um novo modelo antropológico e a proposta de um novo paradigma de racionalidade, que estuda a relação entre matrizes culturais e modelos de comportamento da pessoa, apresentando a categoria dos "bens relacionais" cuja produção é um dos pontos de força da EdC.
Na convicção de que não existem soluções unicamente econômico-logísticas aos grandes problemas que afligem a humanidade, e analisando a relação entre ética e economia, com uma referência especial ao tema do bem comum, chega-se à conclusão de que a conversão do modo de pensar e de agir da pessoa (que é próprio da EdC), sem renunciar aos instrumentos oferecidos pela economia moderna, introduz no sistema econômico um fator humanizante: o amor por si mesmos e pelos outros e a unidade entre todos.

Ponto de referência mundial para as teses:
Antonella Ferrucci
antonella.ferrucci@prometh.it

Adriana Gabbi

Emmanuela Cadeddu

Manila Carassai

Valentino Tesei

Monia Bombardini

monia-b@katamail.com

Diploma em Economia
do Turismo
Universidade de Bolonha
Departamento de Rimini
20 de março de 2002

O controle de gestão nas agências de viagem: comparação de dois casos

Orientador:
Dra. Maria Gabriella Baldarelli

Monia Bombardini

Entrevista

Como nasceu a idéia da sua tese?
Surgiu a partir da experiência que fiz no verão passado, com uma agência de viagens da minha cidade, unida à proposta da minha orientadora de abordar um assunto completamente novo para mim, como a Economia de Comunhão. Procurei entender de que forma um projeto que surgiu por motivos espirituais poderia interessar a empresas turísticas.

Pode nos descrever o seu método de trabalho?
Na primeira parte da tese eu descrevo as agências de viagens, com todas as obrigações e requisitos necessários para o seu funcionamento, o conjunto de informações que levam à elaboração da contabilidade empresarial e a utilização de *software* específicos para o setor.
Depois acrescentei um capítulo inteiro dedicado à descrição da Economia de Comunhão, para todas as pessoas que, como eu, se deparam pela primeira vez com essa filosofia econômica com objetivos, princípios e resultados.

Qual foi a base da comparação das duas agências de turismo e com que objetivo?
A comparação entre as duas agências se baseia em elementos teóricos que extraí do diálogo com seus dois diretores, que delineiam a filosofia empresarial. Baseia-se também em elementos práticos obtidos nos documentos contábeis do balanço.
O meu objetivo era fazer uma reflexão preliminar sobre a possibilidade e a importância da existência de "um novo modo de agir na economia", numa época em que a globalização, por um lado, e a perda de alguns princípios morais por outro, estão marcando o nosso presente.

Como procedeu na sua comparação?
Para analisar a agência de viagens da minha cidade, fiz um estágio de três meses durante o verão, com o suporte da universidade. Desse modo, pude aprender algo sobre esse trabalho e, ao mesmo tempo, obter informações úteis e diretas para a minha tese.
Quanto à agência turística inserida no projeto da Economia de Comunhão, fui várias vezes à província de Arezzo para conversar com o seu diretor e com o diretor de uma agência de viagens ligada a ela.
Pedia a ambos que preenchessem um questionário geral sobre a atividade que desenvolvem, fiz muitas perguntas e procurei entender como interagem no mercado.
Além disso, para compreender melhor a filosofia da Economia de Comunhão, participei de um seminário em Ravenna, e passei um dia inteiro em Loppiano.

Quais as suas conclusões após esse trabalho?
Antes de mais nada essa tese me permitiu abrir a mente a novas idéias, pois analisando um assunto que era totalmente desconhecido para mim – a Economia de Comunhão – conheci um modo de agir cuja existência é ignorada por muitas pessoas (e pude experimentar isso pessoalmente).
Cheguei a considerações diversas, sobretudo do ponto de vista ético, humano e pessoal. O projeto EdC é muito corajoso e para muita gente é até utópico: para mim foi real.
Uma das principais diferenças que distingue as duas agências é a abordagem inicial: a disponibilidade de tempo que encontrei em muitas pessoas com quem estive em Arezzo, dificilmente se encontra no dia-a-dia.
A vantagem competitiva da agência da EdC é o cuidado com os detalhes: tudo está centralizado na filosofia da *partilha*. Conduzir uma empresa que adere a esse projeto e ao mesmo tempo trabalhar nela nem sempre é fácil, mas percebi a tranqüilidade com que os obstáculos são enfrentados, obstáculos às vezes numerosos, que essas empresas podem encontrar se comparadas aos seus concorrentes da economia tradicional.
O trabalho dessa agência de turismo é marcado pela busca de desenvolvimento das realidades locais e circunvizinhas, de um contato sincero com as pessoas, começando por quem trabalha na empresa e o faz muito além do resultado econômico. De fato, muitas vezes o custo do tempo dedicado a um serviço para satisfazer o cliente é maior que o lucro que ele traz.
Do ponto de vista administrativo, a novidade está na agência de viagens da EdC, que está trabalhando em função de um balanço social, documento contábil não obrigatório, que serve para tornar mais explícitos e claros os objetivos da administração.

Entrevista com o Prof. Adam Biela

da Universidade Católica de Lublin, Polônia

A Universidade Católica de Lublin havia confiado ao Prof. Adam Biela, na época Decano da Faculdade de Ciências Sociais, a tarefa de apresentar a motivação da outorga do título de Doutor *honoris causa* em Ciências Sociais a Chiara, em 1996.
Quem esteve presente na cerimônia não poderá esquecer a intensidade das suas palavras vibrantes de homem de ciência, ao ressaltar a novidade que o carisma de Chiara estava trazendo:
«As ciências sociais buscam um paradigma capaz de vencer a cultura do crescimento das ambições individuais, do excesso de autonomia do indivíduo e dos grupos elitistas que não levam em consideração o bem das outras pessoas... um paradigma capaz de vencer a crescente desproporção entre uma faixa de pessoas que enriquecem de modo injusto e pessoas jogadas às margens da miséria,... com comportamentos que conduzem a conflitos e a guerras... morte e novos exemplos de genocídio».
E concluiu: «*... um paradigma que ajude a tornar mais civilizada a realidade social... mediante uma integração social que apresente às pessoas novas dimensões psicológicas, sociais, econômicas, mas também religiosas e espirituais... Chiara Lubich originou um novo fenômeno social que pode ter o significado de uma revolução copernicana nas ciências sociais*».

Seis anos após aquele evento, entrevistamos o Prof. Biela, que se tornou membro do parlamento e atualmente é senador da república.

Professor Biela, o senhor foi o promotor do doutorado honoris causa em Ciências Sociais a Chiara Lubich. O que o convenceu a promover esse doutorado?

Gostaria de lembrar que por Ciências Sociais entendemos a Sociologia, a Psicologia Social, a Pedagogia, a Economia Política e a Economia Empresarial. Eu havia compreendido, naquela época, que o aspecto fundamental das realizações que surgiram da aplicação do pensamento de Chiara nos campos econômico e social consistia em aplicar um novo paradigma, o "paradigma da unidade". Então, entendi que poderia afirmar que ele representava uma inovação conceitual da dimensão da revolução copernicana na astronomia.

O senhor leciona Marketing *e Administração. Como interpreta a aplicação do "paradigma da unidade" em economia? Que caminho o senhor propõe para aprofundar os efeitos desse paradigma?*

Ele produz uma "nova economia", que cria e estimula uma filosofia da partilha dos lucros empresariais. Na minha opinião, o primeiro passo para aprofundar o "paradigma da unidade" em economia deveria ser explorar as transformações das empresas que o aplicam nas suas relações externas e na cultura organizacional, analisando o clima empresarial que nasce da partilha do lucro.
O passo sucessivo poderia ser a análise dos custos e dos benefícios, aprofundando quem paga os custos – e quais são, quantitativamente – e quem – e em que medida – recebe os benefícios.

O que o levou a dar tanto destaque a essa nova economia?

O fato de conseguir responder às perguntas que eu acabei de formular seria particularmente importante para países como o meu, que passa de uma economia centralizada e planificada a uma economia voltada ao mercado, pois nela os aspectos empresariais estão estreitamente ligados à macroeconomia, à comunidade nacional.
A questão mais importante para nós é saber quem paga os custos da conversão à economia de mercado e a quem devem ser destinados os benefícios dessa reestruturação.
Aplicando esta nova economia, não só os custos mas também os benefícios seriam uma vantagem para os cidadãos que, pagando os impostos hoje, suportam o peso dessa conversão.
Portanto, o paradigma da unidade ajuda a unir micro e macroeconomia. Logicamente este conceito deveria ser elaborado metodologicamente, de modo mais sofisticado.
Um ponto fundamental desse trabalho consistiria em ampliar o modelo do *homo economicus*: de um agir econômico guiado exclusivamente pela maximização do lucro individual, a uma visão mais ampla, que compreenda o lado interno e externo da empresa.
Nasceria um modelo mais racional do que aquele que se fundamenta na expectativa de uma ajuda pública.
O "paradigma da unidade" nos leva a entrever a possibilidade de uma aproximação concreta entre a economia da comunidade, do Estado e as economias das empresas, além de uma nova colaboração entre capital e trabalho.

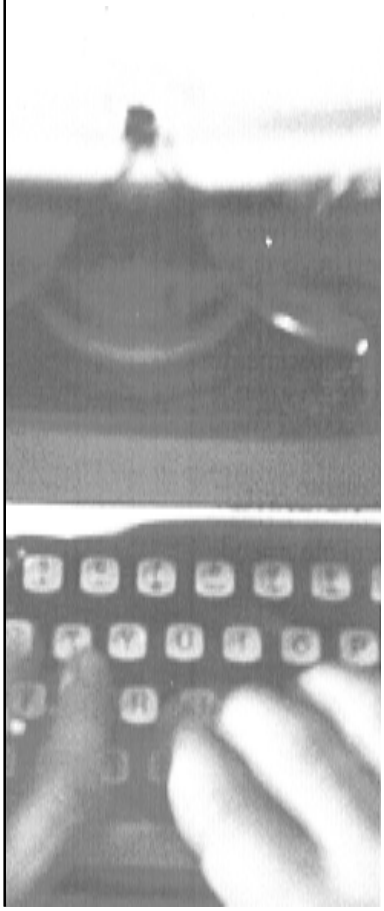
O senhor pretende aprofundar seus estudos desse assunto?

Nas últimas eleições decidi candidatar-me ao Senado e não mais à Câmara dos Deputados porque, como senador, tenho condições de dedicar-me justamente a esse aprofundamento por meio do estudo da Economia de Comunhão, como caminho de esperança especialmente para os países do Leste Europeu.

Riccardo Bennicelli
riccardo.bennicelli@kul.lublin.pl

Diálogo com os leitores

Francesco Tortorella
fratortorella@libero.it



Por um “consumo” e um “desenvolvimento” de comunhão

Em junho, por ocasião do seminário organizado pela Ação por um Mundo Unido, em Castelgandolfo, nos reencontramos com alguns jovens do Movimento Gen e, conhecendo-nos mais profundamente, percebemos que temos em comum (por causa dos estudos, do trabalho ou por paixão e interesse pessoal) os temas *da globalização, da cooperação internacional para o desenvolvimento, do consumo crítico, do comércio justo e solidário*, etc.
Já havíamos nos encontrado com alguns deles em outros congressos sobre os mesmos assuntos e nasceu o desejo de nos conhecermos e discutirmos melhor e talvez até de trabalhar juntos, em colaboração. Marcamos, então, um novo encontro em Marino, nos dias 29 e 30 de agosto: dez jovens de várias regiões italianas, com a participação “à distância” de, pelo menos, outros dez!

Do diálogo sobre a realidade que vivemos nas nossas cidades em relação a esses temas, emergiu o desejo de nos comprometermos concretamente. Com esse desejo no coração, no dia seguinte nos reunimos com alguns dos responsáveis da ONG Ação por um mundo Unido, do Movimento por uma Economia de Comunhão e do Movimento Político pela Unidade.
Pareceu-nos importante que Juventude Nova tratasse desses assuntos com determinação, para fazer algo pelos outros, a fim de encarnarmos o nosso Ideal da unidade também nos aspectos mais concretos da nossa vida e sermos, assim, responsáveis diante da humanidade.

Gostaríamos, em primeiro lugar, de *criar pequenas células de jovens, nas nossas cidades, que se interessam em trabalhar nesses campos*, que levem em frente projetos e idéias. Depois, no início de 2003, pretendemos organizar três dias de encontro para fazer um balanço e propor novos projetos. Essa poderia ser uma primeira etapa formativa para nós: seja convidando pessoas especializadas nesse campo, seja partilhando as nossas experiências de estudo e trabalho. Quem sabe se esse momento não será determinante para nós pessoalmente, para a Ação por um Mundo Unido e para os Jovens por um Mundo Unido! Nós temos muita fé nisso!

Estamos criando uma lista de endereços eletrônicos, por meio da qual podemos fazer circular entre nós todas as notícias úteis, as primeiras idéias de ações concretas, as nossas opiniões, mas, principalmente, manter viva e aumentar a comunhão entre todos.
Estamos no início de uma experiência que ainda não conhecemos totalmente... Talvez esteja começando uma nova aventura!

Pólo Lionello

Loppiano, Itália

Dez anos após o lançamento da Economia de Comunhão, surge o Pólo Empresarial Lionello, junto à Mariápolis internacional de Loppiano (Incisa Valdarno, Itália). **A implantação e a administração do Pólo está a cargo da E.di C. S/A**, que iniciou a subscrição de ações. A capitalização tem por fim a aquisição do terreno e a construção dos imóveis necessários às empresas que se instalarão no Pólo.

ROTOGINE
K.N.E. Plast Ind. e Com. Ltda.
www.kneplast.com.br
kneplast@kneplast.com.br
Fone: (11) 4611-3188

atelier
Harmonia
galeria de arte

adda pompermayer

rua Visconde de S. Gabriel, 465
95700-000 • Bento Gonçalves • RS • Brasil
fone: (54) 452.1236 • fax: (54) 452.1297

AC Cardoso & Associados
Consultoria e Treinamento

R. Ceramista Roberto Weiss, 203 – Jardim das Colinas
12242-160 – S. José dos Campos – SP
Fone/fax: (12) 3923.5320
www.accardoso.com.br • accardoso@uol.com.br

A Bella Veste
Confecções e Acessórios

R. General Rondon, 2476 – B. Central
68900-130 – Macapá – AP
Fone: (96) 222.1638

FEMAQ

FEMAQ S/A
Fundição, Engenharia
e Máquinas

Av. Kurt Leibholz, s/n
Caixa Postal 287
13400-970 – Piracicaba – SP
Fone: (19) 3426.4611
Fax: (19) 3426.4749
www.femaq.com.br

sibrasa
sociedade comercial sobral ltda

SACARIA EM GERAL

R. Floriano Peixoto, 319-B – S. José
50020-000 – Recife – PE
Fone: (81) 3224.6068